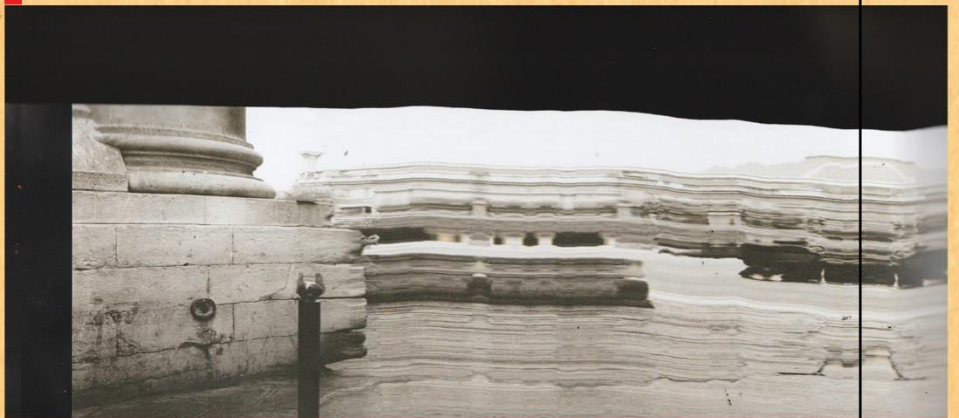


23°
ENAPOL

caderno de resumos



ÍNDICE DOS RESUMOS

ACONTECIMENTO E CONTRATO FIDUCIÁRIO.....	5
O PROCESSAMENTO LEXICAL DO ACENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	6
“NÃO GOSTO [d]ISSO NÃO”: PRONÚNCIA DE /t/ E /d/ DIANTE DE [i] E FORMAS DE NEGAÇÃO NA FALA DE SERGIPANOS EM SÃO PAULO	7
SEMIÓTICA, EDUCAÇÃO E O USO DA TECNOLOGIA DIGITAL EM SALA DE AULA	8
A INFLUÊNCIA DAS FOTOGRAFIAS NOS DISCURSOS DE PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER	9
CARACTERIZANDO OS ATAQUES RAMIFICADOS CCV EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPERIMENTAL	10
UM MODELO DE CLASSIFICAÇÃO PARA O RECONHECIMENTO DE ENTIDADES NOMEADAS	11
OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE FALANTES ADULTOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA	12
DESVENDANDO A NEGAÇÃO: A MORFOSSINTAXE DE MARCADORES NEGATIVOS DE BAIXO ESCOPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	13
ANÁLISE SEMIÓTICA DA POESIA VISUAL BARROCA LUSO-BRASILEIRA.....	14
LIBRAS E LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE NO SERTÃO PIAUIENSE: REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO NAS NARRATIVAS SINALIZADAS	15
REVISITANDO QUESTÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO CRIOULO HAITIANO.	16
ORIENTAÇÃO TEMPORAL EM ORAÇÕES CONDICIONAIS	17
PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO E FUNÇÕES EXECUTIVAS:.....	18
DADOS INICIAIS DO PB ADULTO.....	18
O <i>ETHOS</i> DISCURSIVO E A MELANCOLIA DE CHARLIE BROWN NOS QUADRINHOS “PEANUTS” DE CHARLES SCHULZ	19
SOBRE A ECOLOGIA LINGUÍSTICA DA GALÍCIA E SEUS HÍBRIDOS.....	20
A INTERFACE SINTAXE-FONOLOGIA NO CASO DOS <i>BLENDS</i>	21
COMO O CONTEXTO INFLUENCIA NA PRODUÇÃO DO QU- <i>IN SITU</i> EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	22
O PLANO DE EXPRESSÃO NO QUADRINHO EXPERIMENTAL	23
O (NÃO-)CONGELAMENTO DE MODIFICADORES DENTRO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	24
ENUNCIÇÃO E TENSIVIDADE DA PESSOA NO DISCURSO POLÍTICO.....	26

GRANDE SERTÃO: A POLIFONIA SEMIOTIZADA.....	27
ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPAÑHOLA.....	28
FONTES DO <i>MÉMOIRE</i> DE SAUSSURE.....	29
BERTOLEZA E SEUS ARREDORES: A RESPEITO DA FIGURATIVIZAÇÃO	30
O DESFALECIMENTO DO SENTIDO DOXOLÓGICO EM LISPECTOR	31
MULTILINGUISMO E ECOLOGIAS LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO DE CASO DO PORTUGUÊS DE ANGOLA.....	32
<i>A ORIGEM DO MUNDO</i> : UMA HISTÓRIA CULTURAL DA VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO, DE LIV STRÖMQUIST. UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA....	33
ENTRE PATHOS PICTÓRICO E VERBAL: DO EXPRESSIONISMO NA PINTURA E NO ROMANCE <i>ANGÚSTIA</i> , DE GRACILIANO RAMOS	34
A DERIVA DIALETAL EM PORTUGUÊS: O CASO DO INFINITIVO PREPOSICIONADO	35
AS ISOTOPIAS METAPOÉTICAS EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO: UM ESTUDO SEMIÓTICO.....	36
A INTERSECÇÃO ENTRE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS, CATEGORIAS SOCIAIS E ATITUDES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE	37
O QUE FAZ OS SERES HUMANOS ÚNICOS: MOTIVOS COOPERATIVOS NA AURORA DA COMUNICAÇÃO HUMANA.....	38
AS AÇÕES BUCAIS NA ELABORAÇÃO DE AÇÕES CO-OPERATIVAS	39
IMPLICATURAS NA FALA ESPONTÂNEA INFANTIL E NO <i>INPUT: INSIGHTS</i> PRELIMINARES	40
O MARCADOR DE NEGAÇÃO SENTENCIAL DO JAPONÊS SOB ANÁLISE DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	41
MELANCOLIA E SUICÍDIO POR MEIO DE UMA VISADA SEMIÓTICA	42
A MARGINALIA EM OBRAS DE FICÇÃO: O LEITOR COMO AGENTE NO PROCESSO SEMIÓTICO.....	43
A AQUISIÇÃO DAS VOGAIS ARREDONDADAS DO FRANCÊS POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO	44
FONÉTICA E FONOLOGIA NO BRASIL (1949-2000): CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NO CONHECIMENTO EM CIRCULAÇÃO EM TESES E DISSERTAÇÕES	45
O ESTUDO DOS VERBOS PSICOLÓGICOS, DO TIPO <i>AGRADAR</i> , POR APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE).....	46
VERIDICÇÃO E SANÇÃO NOS FÓRUNS DIGITAIS DE JOGOS	47
<i>PRIMING</i> SINTÁTICO E O PROCESSAMENTO DE REDES TEMÁTICAS VERBAIS ..	48
FORA DO TEXTO HÁ SALVAÇÃO?.....	49

A SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DA SENTENÇA NA LÍNGUA INGLESA: DESCRIÇÃO E ENSINO	50
O PORTUGUÊS “ITALIANADO” DA MOOCA	51
OS DESAFIOS ATUAIS PARA UMA TEORIA SOBRE A CONTRAFACTUALIDADE.	52
A LINGUAGEM DO CORPO EM PERFORMANCE: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA	53
O ÁLBUM DE CANÇÕES ENQUANTO OBJETO SEMIÓTICO:	54
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	54
A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DE ATORES COLETIVOS: O MINISTÉRIO PÚBLICO E A OPERAÇÃO LAVA JATO	55
PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS “DA PONTE PRA CÁ”	56
O EVENTO EXTRAORDINÁRIO EM <i>ASAS DO DESEJO</i> (1987), DE WIM WENDERS E <i>NINFOMANÍACA</i> (2013), DE LARS VON TRIER.....	57
A RECEPÇÃO DAS <i>ARTES</i> DE JOÃO RODRIGUES NAS GRAMÁTICAS ESCRITAS POR ESTRANGEIROS NO SÉCULO XIX: HERANÇAS E INOVAÇÕES NO TRATAMENTO DA POLIDEZ.....	58
ETHOS E ESTEREOTIPIA EM DISCURSOS DIGITAIS: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DA DISCURSIVIZAÇÃO DO IDOSO EM GRUPOS DO FACEBOOK.....	59
OS SONS EM <i>TRISTES TRÓPICOS</i> : TRADUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO PARA UM ESCRITO ETNOGRÁFICO	60
MÉTODOS DE ALINHAMENTO SENTENCIAL PARA NLI	61
TRANSITIVIDADE NAS LÍNGUAS BANTU: O COMEÇO É NO MEIO	62
CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES (1543-1856)	63
A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA NAS GRAMÁTICAS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII, XVIII E XIX: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO.....	64
SUBFAMÍLIAS DE LÍNGUAS GERMÂNICAS NAS ABORDAGENS SCHLEICHERIANA E NEOGRAMÁTICA	65
AS TAREFAS LINGUÍSTICAS E A ESTATÍSTICA INFERENCIAL PRESENTES NA PROPOSTA METODOLÓGICA DE UM ESTUDO SOBRE GRAMATICALIDADE DE SENTENÇAS	66
A INFLUÊNCIA DA PREPOSIÇÃO <i>DE</i> NO JULGAMENTO DE SENTENÇAS COM SUJEITO NULO NO PB	67
MANIPULAÇÃO E PERSUAÇÃO NA ALEGORIA MORAL REINO DE BABILÔNIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SEMIÓTICA.....	68

UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE O PROCESSAMENTO TÍPICO E ATÍPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM ADULTOS SURDOS: INTERFACES ENTRE NEUROLINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA CLÍNICA	69
FICÇÃO E REALIDADE EM <i>RIVERÃO SUSSUARANA</i> , DE GLAUBER ROCHA.....	70
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS PROPAGANDAS DAS CERVEJAS SKOL E ITAIPAVA VEICULADAS NA PANDEMIA, SOB O ASPECTO DA FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO.....	71
LINGUÍSTICA EVOLUTIVA – BUSCANDO APROXIMAÇÕES ENTRE ABORDAGENS	72
INTELIGÊNCIA SEMIÓTICA E TRIPADVISOR:.....	73
<i>DEEP LEARNING</i> E QUANTIFICAÇÕES SUBJETIVAS NOS DISCURSOS DE SANÇÃO DE RESTAURANTE	73
A TAREFA DE SINCRONIZAÇÃO DA FALA E A QUEBRA DE EXPECTATIVA SEMÂNTICA: FENÔMENOS EM INTERAÇÃO.....	74
O SENTIDO ENTRE A PSICANÁLISE E A SEMIÓTICA	75
A SINTAXE DA LÍNGUA GERAL DE MINA E A PROBLEMATIZAÇÃO DAS ABORDAGENS CRIOLÍSTICAS	76
A DICÇÃO DO CANCIONISTA: PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DO ESTILO NA CANÇÃO	77

ACONTECIMENTO E CONTRATO FIDUCIÁRIO

Adriana Elisa Inácio

Com base no instrumental teórico proposto pela Semiótica, em suas vertentes tensiva e greimasiana, pretendemos evidenciar estratégias epistêmico-discursivas de não trivialização do impacto de vivências históricas de natureza acontecimental. Em linhas gerais, um *acontecimento* pode ser definido (i) por sua configuração tensiva: como projeção de um paroxismo de intensidade sobre uma extensidade drasticamente reduzida; e (ii) pelos três modos semióticos – o *sobrevir* objetual (modo de eficiência), a *apreensão* subjetal (modo de existência) e a *concessão* (modo de junção) – que o caracterizam e distinguem das vivências cotidianas, pautadas pelo *pervir*, pelo *foco* e pela *implicação* (ZILBERBERG, 2007; 2011; 2012). Partimos, aqui, da premissa de que a vivência de um acontecimento desencadeia, necessariamente, sua própria *resolução* – isto é, sua conversão em discurso. Tal conversão se estabelece por meio de uma troca discursiva, na qual o sujeito da experiência se esforça por *fazer saber aos outros* o que aconteceu e por *fazer com que os outros acreditem* no que aconteceu. Como toda e qualquer troca discursiva, também a transmissão do acontecimento é “regulamentada” por um *contrato fiduciário*, que associa o *fazer persuasivo* de um enunciador, do qual se espera um *dizer-verdadeiro*, e o *fazer interpretativo-judicativo* de um enunciatário, do qual se espera um *crer-verdadeiro*, ou seja, a atribuição do estatuto de verdade ao discurso-enunciado (GREIMAS, 2014; GREIMAS; COURTÉS, 2016). A partir desse conjunto de proposições, procuraremos verificar a hipótese de que a não trivialização da experiência-limite ou, em outras palavras, a não banalização da tragédia histórica – tal como ela se apresenta em nosso *corpus* (testemunhos verbais de prisões, torturas e experiências concentracionárias) – demandará uma extrapolação do contrato fiduciário greimasiano, de maneira a fazê-lo acolher o acontecimento, sem, no entanto, normalizá-lo, ou seja, sem enquadrá-lo implicativamente como um fato trivial. Trabalho realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Palavras-chave: semiótica; acontecimento; resolução; testemunho; contrato fiduciário.

O PROCESSAMENTO LEXICAL DO ACENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aline de Lima Benevides

Esta pesquisa investiga a natureza do acento primário em PB. Para tanto, parte-se do Modelo Dupla Via (RASTLE; COLTHEART, 2000; COLTHEART, 2005), o qual propõe que há duas vias de processamento das palavras, conforme seu tipo e sua frequência, a fim de analisar se as diferentes maneiras com que as palavras são processadas influem na maneira com que o acento é atribuído. A primeira via de processamento consiste na via lexical, a partir da qual palavras reais e familiares são processadas, através do acesso ao léxico fonológico e ao léxico semântico, bem como pseudopalavras, quando é associada a uma palavra real. A segunda via, em contrapartida, é responsável pelo processamento de palavras reais não familiares e de pseudopalavras, através da codificação-decodificação de grafemas em fonemas, ou o inverso. Tendo em vista que as pseudopalavras são os estímulos de elicitação dos dados acentuais deste trabalho e que, segundo o Modelo de Dupla Via, elas podem ser processadas via léxico quando associadas a palavras reais, investiga-se se esse processamento envolve a extensão, via analogia, do padrão acentual da palavra real à pseudopalavra. Foram criadas 372 pseudopalavras, subdivididas em 4 grupos: i. pseudopalavras similares a palavras de alta frequência; ii. pseudopalavras dissimilares a palavras de alta frequência; iii. pseudopalavras similares a palavras de baixa frequência; e iv. pseudopalavras dissimilares a palavras de baixa frequência. O teste será realizado com 24 falantes. Se os falantes atribuírem mais acento semelhante à palavra real nos grupos similares (i e iii) do que nos dissimilares (ii e iv), haverá evidências de que o processo analógico ocorre através da extensão acentual; se houver mais precisão no grupo com palavras reais de alta frequência (i) do que de baixa frequência (iii), haverá evidências de que a frequência é um dos mecanismos mediadores do acesso lexical. Os resultados serão apresentados no evento.

Palavras-chave: acento; português brasileiro; processamento de palavras.

“NÃO GOSTO [d]ISSO NÃO”: PRONÚNCIA DE /t/ E /d/ DIANTE DE [i] E FORMAS DE NEGAÇÃO NA FALA DE SERGIPANOS EM SÃO PAULO

Amanda de Lima Santana

São Paulo é uma cidade fortemente caracterizada por migrações, em contrapartida, os estudos sociolinguísticos acerca da fala do migrante em tal região só começaram a se avolumar nos últimos anos (OUSHIRO, 2017; SOUZA, 2017; SANTANA, 2018). Com a intenção de ampliar o conhecimento que se tem sobre as particularidades da fala de migrantes, o presente trabalho analisa entrevistas sociolinguísticas de 27 sergipanos residentes na região metropolitana de São Paulo (recrutados pelo método das redes sociais (MILROY, 1987 [1980]) para verificar se sua fala se assemelha mais à variedade paulistana ou à sergipana a depender da rede de contatos que estabelecem. Nessa apresentação, duas variáveis linguísticas são levadas em conta: a pronúncia de /t, d/ diante de [i] (*ditado* e *time*) e as formas de negação (NEG1 ‘*Não sei*’; NEG2 ‘*Não sei não*’; NEG3 ‘*Sei não*’). Partindo da proposta de Trudgill (1986) sobre acomodação dialetal e da concepção de língua como um sistema inerentemente heterogêneo e regulado (LABOV, 2008 [1972]), o estudo averigua se os sergipanos que integram a rede mais aberta (a que estabelece mais contato com paulistanos) palatalizam mais frequentemente /t, d/ ([dʒ]itado, [tʃ]ime) e utilizam menos NEG2/3 em direção ao falar paulistano e se os integrantes da rede mais fechada (cujos contatos com nordestinos são mais frequentes) utilizam em maior grau as variantes típicas de Sergipe ([d]itado, [t]ime e NEG2/3). As análises estatísticas iniciais mostram que a estrutura das redes é significativa apenas para a variável morfossintática, enquanto para a fonética, o fator social relevante é *Idade de migração*: quanto mais jovem o migrante era quando migrou para São Paulo, mais frequentemente ele produz as variantes palatalizadas. A interpretação dos dados revela, portanto, que o processo de acomodação dialetal na fala de migrantes se explica por variáveis sociais distintas a depender do nível linguístico analisado.

Palavras-chave: acomodação dialetal; migrantes; redes sociais; palatalização de /t, d/; formas de negação.

SEMIÓTICA, EDUCAÇÃO E O USO DA TECNOLOGIA DIGITAL EM SALA DE AULA

Ana Carolina Cortez Noronha

Em fase final de escrita, nossa tese se propõe a uma investigação sobre a organização da transmissão da cultura e da construção do conhecimento no espaço escolar, no Brasil, no início do século XXI. Para fazê-la, apresenta uma análise de planos de aula disponibilizados online em um site do MEC, nos quais se investiga um simulacro do fazer da sala de aula no seu planejamento, feito pelo professor. Os planos são analisados discursivamente, utilizando-se a teoria semiótica do discurso de linha greimasiana, em especial os conceitos ligados aos estudos da enunciação (FIORIN, 2002; BARROS, 2002). Decorrente dessas análises e também da leitura dos documentos legais da esfera educacional, emergiu como característica da “boa aula”, que se entende como o objeto de valor que os planos de aula constroem, a presença do uso da tecnologia digital em sala de aula. Desse modo, soma-se à questão inicial a investigação do uso da tecnologia digital nas salas de aula e, a partir dela, a proposição de modos como a semiótica, com seu ferramental de análise, poderia contribuir para melhores usos da tecnologia em sala de aula. Tem-se como centrais os conceitos de contrato de veridicção, as intersecções modais entre o crer e o saber e a dificuldade de construção do conhecimento pelo sujeito que se vê face a uma grande quantidade de saber acumulado na internet e à aceleração do tempo que dificulta a profundidade e a lentidão necessárias a esse processo. Além disso, levantamos a hipótese da necessidade de se evidenciar a continuidade entre o mundo físico e o digital aos educandos (apoiados em Arendt, 2014), já que a tecnologia digital em geral lhes apresenta um mundo descontínuo e fragmentado.

Palavras-chave: semiótica discursiva; educação; plano de aula; discurso na internet; tecnologia digital em sala de aula.

A INFLUÊNCIA DAS FOTOGRAFIAS NOS DISCURSOS DE PESSOAS COM DOENÇA DE ALZHEIMER

Andréa Farias Higa

O envelhecimento da população brasileira gera algumas preocupações, principalmente em relação à saúde. O primeiro indício de alteração na qualidade de vida do idoso é o comprometimento da comunicação. A doença de Alzheimer (DA) é compreendida por alterações cognitivas e comportamentais que modificam as práticas cotidianas, sendo associada ao envelhecimento, observando-se um aumento da sua frequência a partir dos 65 anos. O presente trabalho decorre do projeto de mestrado, que visou observar as possíveis contribuições do uso de recursos visuais imagéticos, especificamente de fotografias, no processo de produção discursiva de idosos com DA. O referencial teórico utilizado foi o método enunciativo discursivo da linguagem, desenvolvido por Teun Adrianus Van Dijk (1943), que visa compreender a relação entre o campo visual e o cognitivo. De acordo com o embasamento teórico, desejou-se observar pontos centrais discursivos, bem como os usos do apoio visual na produção de relatos de vida. Entendendo que as fotografias podem retratar alguns elementos que constituem os aspectos sócio-histórico-culturais, a hipótese dada que ações realizadas pelos participantes podem ser lembradas por meio de fotos. Os participantes da pesquisa são portadores da doença de Alzheimer e idosos saudáveis, com mais de 65 anos, munícipes de São Paulo e Rio de Janeiro. As entrevistas realizadas foram com pacientes diagnosticados nos estágios inicial a moderado da doença, selecionados em Instituições de Longa Permanência e que vivem com seus familiares. As interações foram filmadas e foi solicitado aos participantes que contassem sobre eventos de suas vidas com e sem o apoio de pistas visuais a partir de fotografias selecionadas previamente por familiares. Os registros em vídeo foram transcritos e analisados de modo qualitativo.

Palavras-chave: doença de Alzheimer; fotografia; linguagem; cognição.

CARACTERIZANDO OS ATAQUES RAMIFICADOS CCV EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO EXPERIMENTAL

Andressa Toni

Esta pesquisa insere-se nos estudos sobre a fonotaxe do Português Brasileiro (PB), investigando o modo como as sílabas são representadas no sistema fonológico de adultos e de crianças. Tomando como objeto de análise o ataque ramificado CCV (Consoante₁+Consoante₂+Vogal), o objetivo deste trabalho é descrever as propriedades fonológicas, combinatórias e distribucionais desse tipo silábico a fim de delinear o alvo fonotático sendo adquirido pela criança. Considerando a baixa frequência das sílabas CCV, questionamos i) se CCV é produtivo em PB; ii) se todas as combinações segmentais CCV são igualmente produtivas e bem formadas. Para responder a estas questões, um estudo experimental foi desenvolvido visando testar se os falantes são capazes de criar novas palavras utilizando a estrutura CCV e qual é o julgamento de aceitabilidade dos falantes a diferentes combinações segmentais CCV (frequentes/infrequentes, presentes/ausentes da língua, fonologicamente marcadas/não-marcadas). Os resultados apontam que a estrutura CCV se mostra produtiva em PB, e suas diferentes combinações segmentais não apresentam diferenças significativas em relação à sua produtividade individual (à exceção de /tl, dl, vl/). Os julgamentos de aceitabilidade indicam que combinações segmentais de alta ou baixa frequência não apresentam diferenças significativas em relação à sua boa formação silábica, mas são diferentes de /tl, dl, vl/. Estes, por sua vez, são significativamente diferentes de combinações segmentais ausentes em PB, marcadas ou não marcadas. O estudo conclui que a frequência de uso não influencia a produtividade ou aceitabilidade da sílaba CCV na fala adulta. O próximo passo da pesquisa é investigar se a equivalência na produtividade e na aceitabilidade observadas na língua alvo se refletem na fala infantil: espera-se, com base nesses resultados, que não exista uma ordem na aquisição das combinações segmentais CCV.

Palavras-chave: fonologia; fonotaxe; sílaba.

UM MODELO DE CLASSIFICAÇÃO PARA O RECONHECIMENTO DE ENTIDADES NOMEADAS

Andressa Vieira e Silva

O Reconhecimento de Entidades Nomeadas (REN) é uma sub tarefa da Linguística Computacional que busca identificar as Entidades Nomeadas (EN) de um texto e, em seguida, classificá-las em conjunto pré-estabelecido de classes. São consideradas ENs os nomes próprios (p. ex. Maria, Apple) e as classes da natureza (p. ex. substâncias, espécies). Esta pesquisa pretende investigar modelos de classificação semântica baseados na distribuição contextual, ou seja, gerados a partir da informação contextual extraída de um corpus. A ideia é que determinados padrões contextuais favorecem a ocorrência de determinados tipos de entidade. Por exemplo, pronomes de tratamento, como “senhor” e “doutora”, precedendo um nome próprio indicam a ocorrência de entidades do tipo pessoa. Para avaliar essa hipótese, nós testamos um modelo de clusterização combinado com uma classificação por regras contextuais, que buscava padrões linguísticos específicos no corpus HAREM. O nosso modelo obteve um desempenho médio de 43% de acerto na classificação. Para o HAREM, o estado-da-arte na tarefa de REN está em 79.44% (SOUZA, 2019), obtido por uma rede neural BERT. Essa rede gera representações de palavra (*word embeddings*) baseadas no contexto, ou seja, cada palavra é representada a partir das demais palavras co-ocorrendo com ela em um texto. Nessa pesquisa, está sendo testada uma rede BERT, semelhante ao trabalho citado, porém ela será combinada com traços baseados em regras. Os resultados obtidos pelo BERT serão comparados ao de outros trabalhos de REN para o português. Uma das contribuições dessa pesquisa será a apresentação de um novo modelo neural para o REN e a disponibilização de uma ferramenta de análise linguística pública. Além disso, será feita uma discussão a respeito do comportamento dos nomes próprios e a análise de sua distribuição em um corpus.

Palavras-chave: entidades nomeadas; linguística computacional; redes neurais; semântica.

OMISSÃO DE ARTIGOS NAS INTERLÍNGUAS DE FALANTES ADULTOS DE PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Antonio José Maria Codina Bobia

A existência de nomes singulares nus no Português Brasileiro (PB) é um fato bem reconhecido na literatura linguística. Muitos estudos teóricos (SCHMITT & MUNN, 1999; MÜLLER, 2002; PIRES de OLIVEIRA & ROTHSTEIN, 2011; MENUZZI, *et al.*, 2015; FERREIRA, no prelo; entre outros) e também experimentais (IONIN *et al.*, 2011, 2018; SANTANA & GROLLA, 2018; e outros) já foram realizados sobre essa temática. Nesse aspecto, o PB contrasta fortemente com outras línguas românicas e germânicas, levantando várias questões relacionadas ao modo como os falantes codificam esse elemento nominal na aquisição de primeira e segunda língua. Por isso, o nosso objetivo é estudar a omissão de artigos nas interlínguas de estudantes brasileiros aprendendo espanhol, inglês ou francês, seguindo uma abordagem sintática minimalista – pressupondo que há feixes de traços diferentes entre as línguas (ADGER, 2003). Especificamente, queremos medir em que contextos há mais omissão de artigos nas interlínguas de brasileiros adultos aprendendo espanhol, inglês ou francês. Os grupos a serem testados serão constituídos por estudantes brasileiros de graduação em letras de diferentes habilitações de um semestre intermediário (20n) e de um semestre final (20n) (3 línguas: espanhol, inglês, francês). Como método de coleta de dados, efetuaremos quatro testes: o primeiro será uma tarefa de contação de histórias; o segundo consistirá em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade; o terceiro, uma tarefa de tradução de sentenças; e, o quarto, um teste de preenchimento de espaços. Com esta pesquisa, esperamos contribuir para a discussão em curso sobre a distribuição dos nomes nus no PB, bem como para as pesquisas de Aquisição de Segunda Língua. Como a pesquisa está em seu estágio inicial, não há, no momento, resultados disponíveis.

Palavras-chave: nomes nus; aquisição de segunda língua; minimalismo.

DESVENDANDO A NEGAÇÃO: A MORFOSSINTAXE DE MARCADORES NEGATIVOS DE BAIXO ESCOPO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Beatrice Nascimento Monteiro

A negação é um fenômeno diversificado atuando em diferentes escopos (podendo aplicar-se a sentenças, sintagmas ou palavras) e abrangendo diferentes possibilidades semânticas (reversão, privação, entre outros). De Clercq (2020) considera que os marcadores negativos podem ser divididos em dois grupos: marcadores de baixo escopo (doravante, MBEs), como *un-* do Inglês (*unhappy*, *unlucky*) e *des-* do Português (*desligar*, *desleal*), que atuam no escopo da palavra; e marcadores de amplo escopo (MAE), como *ne* do Francês e *não* do Português, os quais atuam no escopo da sentença. Embora, tradicionalmente, tenha se associado os MBEs à Morfologia e os MAEs à Sintaxe, estudos de línguas africanas, indígenas e indo-europeias (DRYER 2011, DIETRICH 2017, DE CLERCQ 2020) têm evidenciado que a negação opera em um *continuum* entre Morfologia e Sintaxe, pois há elementos mórficos, como prefixos, que podem inverter o valor de verdade da sentença, possuindo, portanto, amplo escopo. Uma vez que parece haver uma integração entre Morfologia e Sintaxe no que diz respeito à negação, acreditamos que é necessário adotar um modelo teórico que dê conta dessa integração entre operações morfológicas e sintáticas. Dessa forma, a pesquisa proposta ampara-se no modelo teórico da Morfologia Distribuída (MD), que postula a Sintaxe como único componente gerativo da arquitetura gramatical. O foco da nossa pesquisa são os marcadores negativos de baixo escopo, isto é, que atuam no escopo da palavra. A pesquisa possui dois objetivos principais: (i) descrever o funcionamento morfossintático dos marcadores negativos de baixo escopo do PB e (ii) analisar que tipo de informações o(s) morfema(s) correspondente(s) à negação possuem em sua estrutura subjacente. A descrição e análise desses traços pode fornecer *insights* não só sobre o funcionamento de cada marcador específico, mas possíveis reflexões sobre o fenômeno da negação de forma mais ampla e como ele se realiza no português brasileiro.

Palavras-chave: morfossintaxe; negação; português brasileiro; morfologia distribuída.

ANÁLISE SEMIÓTICA DA POESIA VISUAL BARROCA LUSO-BRASILEIRA

Brígida Mônica Alves da Silva

O poema visual é caracterizado como um texto sincrético, uma vez que se manifesta simultaneamente a partir de distintos planos de expressão (visual e verbal), sendo formado portanto por elementos que advêm de semióticas heterogêneas. Historicamente, esse tipo de texto poético insere-se num ciclo de reiteração da visualidade na Literatura cujo percurso é traçado a partir de uma origem que remonta à antiguidade greco-latina. Além dessa matriz oferecida pelos antigos, o período literário denominado Barroco, especialmente no âmbito luso-brasileiro, apresenta-se como um momento, entre outros pontualmente evidenciados na História da Literatura, de grande profusão dos poemas visuais. Valendo-se de poemas visuais produzidos por autores portugueses e brasileiros seiscentistas e setecentistas, esta pesquisa objetiva realizar uma análise semiótica da poesia visual barroca luso-brasileira a partir do campo de investigação constituído pela semiótica de linha francesa e seu conjunto teórico trazido por Algirdas Julien Greimas, que adota uma posição teórico-metodológica que afirma a especificidade do objeto linguístico, exclui qualquer recurso aos fatos extralinguísticos e oferece uma rigorosa metalinguagem de dimensão metodológico-descritiva, bem como, entre outros, os estudos sobre sincretismo realizados pelo semioticista e colaborador greimasiano Jean-Marie Floch.

Palavras-chave: semiótica; sincretismo; literatura; barroco; poesia visual.

**LIBRAS E LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE NO SERTÃO PIAUIENSE:
REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO NAS NARRATIVAS
SINALIZADAS**

Bruna Rodrigues da Silva Neres

Cena é o nome da forma de comunicação gesto-visual em uso pelos surdos, no povoado de Várzea Queimada, localizado no município de Jaicós-Pi, com cerca de 700 pessoas e aproximadamente 36 surdos. A partir do cotejo entre a sinalização das histórias em *cena* e em libras, pretendo investigar como acontece o processo de referenciação e a constituição do significado em narrativas sinalizadas por surdos fluentes em libras e em *cena*; comparar as semelhanças e diferenças do processo de referenciação, nas narrativas sinalizadas, por surdos fluentes em libras e em *cena* e identificar as estratégias de referenciação utilizadas por surdos sinalizantes da libras e da *cena*. Para embasar teoricamente este trabalho, recorri aos estudos que ressaltam o papel dos gestos e dos elementos linguísticos como combinações produzidas de forma visual em um dado espaço de interlocução que contribuem para estabelecer relações entre componentes gramaticais e discursivos, noção defendida por Liddell (2003), McCleary e Viotti (2010). A partir dos objetivos propostos, aponto como problemas de pesquisa: como os sinalizantes da *cena* apresentam e recuperam os referentes em histórias sinalizadas? Há mais diferenças ou semelhanças no processo de referenciação nas histórias sinalizadas em libras e em *cena*? A pesquisa se caracteriza como do tipo etnográfica, que requer minha presença, *in loco*, para proceder observação participante, e a seleção dos colaboradores fluentes em libras e em *cena* para sinalizar as histórias *O amor é surdo* e a *A história da Pera*. Posteriormente, será feita a transcrição dos vídeos com auxílio do Programa Elan (Eudico Language Annotator), para obter um banco de dados, para, por fim, proceder à análise dos dados propostos nesta pesquisa.

Palavras-chave: libras; *cena*; narrativas; referenciação.

REVISITANDO QUESTÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO CRIOULO

HAITIANO

Bruno Pinto Silva

O objetivo desta pesquisa é revisitar a literatura referente à descrição do sistema fonológico do crioulo haitiano (CH). As descrições disponíveis apresentam divergências que se devem ao fato de essas descrições serem puramente impressionísticas. Com isso em mente, o objetivo da presente pesquisa é empregar a metodologia da Fonologia de Laboratório para alicerçar a descrição do sistema fonológico do CH em análises acústicas da fala de nativos. Pela primeira vez será possível fazer afirmações com bases mais sólidas sobre o sistema sonoro do CH e investigar questões como a assimilação de nasalidade, o que permitirá trazer novos argumentos para a discussão sobre o *status* fonológico de segmentos sobre os quais não há consenso, como [ĩ] e [ũ]. Também se pretende mostrar que o tratamento que tem sido dado às línguas crioulas em geral, colocando-as sempre à parte das outras línguas naturais, tem impedido que o estudo e descrição dessas línguas seja feito de forma robusta e acurada (ABOH & DEGRAFF, 2016). Pretende-se mostrar que o sistema fonológico do CH é mais regular do que a literatura supõe.

Palavras-chave: crioulo haitiano; fonologia de laboratório; linguística de contato.

ORIENTAÇÃO TEMPORAL EM ORAÇÕES CONDICIONAIS

Camila Cristina Silvestre dos Santos

Os estudos sobre orações condicionais (sentenças do tipo *se p, q*, em que *p* é o antecedente e *q* é o conseqüente) tendem a dispensar pouca atenção a questões temporais e aspectuais. Levando em conta a rica morfologia verbal (indicativa e subjuntiva) do português brasileiro nesse tipo de oração, partimos de Crouch (1993) e Copley (2008) para investigar a orientação temporal (presente, passada ou futura) do antecedente e do conseqüente em interação com a ordenação temporal entre ambos. O objetivo é propormos descrição e análise que abranjam particularidades de modo, tempo e aspecto associadas a essas sentenças, explorando a hipótese de que a interação entre tempo e modo em orações condicionais é permeada por questões de aspecto lexical dos predicados envolvidos. Alguns pontos de interesse inicial incluem: a) o contraste entre pretérito e futuro do subjuntivo em antecedentes eventivos e b) a possível orientação presente do futuro do subjuntivo em antecedentes estativos. Em (1), por exemplo, considerando um contexto de provas que acontecem em breve, pretérito (1a) e futuro (1b) do subjuntivo são ambos possíveis com orientação temporal futura do antecedente em relação ao momento de fala. Predicados eventivos com futuro do subjuntivo permitem apenas essa orientação, enquanto predicados estativos podem ter orientação futura, mas também presente (2a). Além disso, percebe-se que o contraste de significado entre futuro do subjuntivo e presente do indicativo (2b) no contexto de orientação presente não é evidente.

- | | |
|--|---------------------|
| (1) a. Se João estudasse, ele iria bem nas provas. | Pret. Imp. Subj. OF |
| b. Se João estudar, ele vai bem nas provas. | Fut. Subj. OF |
| (2) a. Se o João estiver em casa (agora/amanhã), a luz estará acesa. | Fut. Subj. OP e OF |
| b. Se o João está em casa (agora), a luz estará acesa. | Pres. Ind. OP |

Palavras-chave: condicionais; tempo; modo; aspecto; orientação temporal.

PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO E FUNÇÕES EXECUTIVAS: DADOS INICIAIS DO PB ADULTO

Camilla de Rezende

O objetivo desta pesquisa é investigar a relação entre as funções executivas (FE) e o processamento linguístico e verificar se tal relação é modificada ao longo da vida. Para isso, deve ser observado o comportamento de diferentes grupos etários – crianças, adultos e idosos. A literatura relata que as FE estão sujeitas a mudanças em seu desenvolvimento em diferentes faixas etárias, não alcançam a total maturidade até por volta dos 20 anos de idade (DAVIDSON et al. 2006) e podem estar sujeitas a alterações ocasionadas pelo envelhecimento. Adicionalmente, alguns autores atribuem às FE algumas das diferenças entre o comportamento linguístico de crianças e adultos em tarefas experimentais (cf. MAZUKA et al., 2009; GROLLA & LIDZ, 2018; GROLLA, 2018). Sob essa perspectiva, nossa hipótese de trabalho é que, se há limitações nas FE, então haverá mais tempo e mais revisões no processamento linguístico. Espera-se que crianças e idosos tenham mais limitações com as FE e, conseqüentemente, apresentem mais dificuldades com o processamento linguístico em comparação ao grupo de adultos. A metodologia é composta por quatro tarefas para medir aspectos fundamentais das FE (flexibilidade mental, memória de trabalho, controle inibitório cognitivo e controle inibitório motor) e um teste linguístico: uma tarefa de leitura automonitorada, cujo objeto de estudo são dependências de longa distância. Os testes serão aplicados em formato online. Serão entrevistados 60 sujeitos de cada grupo (crianças de 10 a 11 anos; adultos de 30 a 40 anos; e idosos acima de 80 anos). Um experimento-piloto com 15 adultos indica que o grupo apresenta, em geral, comportamento homogêneo com relação às FE, com índices de acerto e tempo de reação similares. Entretanto, há bastante variação entre os sujeitos nos resultados da tarefa linguística.

Palavras-chave: funções executivas; processamento linguístico; dependência de longa distância; estudo experimental.

O *ETHOS* DISCURSIVO E A MELANCOLIA DE CHARLIE BROWN NOS QUADRINHOS “PEANUTS” DE CHARLES SCHULZ

Carla Patrícia Silva do Nascimento

O objetivo central visa analisar a constituição do *ethos* discursivo e os elementos que configuram um sentimento de melancolia expressos pelo enunciador, observando dentro de determinadas cenas enunciativas nas tirinhas dos “Peanuts”, de Charles Schulz. Os “Peanuts” configuram-se em tirinhas criadas para jornais no início da década de 50; trata das experiências vividas durante a infância de uma turma de amigos, tendo por personagem central o tímido Charlie Brown. Sendo mundialmente conhecidas, as tirinhas dos “Peanuts” continuam a fazer sucesso mesmo após a morte do seu criador, apesar de Charlie Brown não se configurar enquanto uma criança de comportamento e discurso próprios do universo infantil. O comportamento de Charlie Brown destoa dos demais personagens e dos estereótipos próprios da noção de infância do senso comum, apresentando um discurso melancólico, depressivo e derrotista. Com isso, busca-se entender como o discurso do personagem se constituiu enquanto melancólico, investigando pela cena enunciativa a construção da melancolia, além de perceber como as relações sociais do personagem influenciam na constituição da imagem de si e identidade do enunciador. Há que se perceber como as problemáticas enfrentadas pelo enunciador e sua maneira de lidar com questões como rejeição, ansiedade, derrota, insegurança, são projetadas para o destinatário na enunciação reverberando um certo humor irônico. Serão utilizadas as teorias de Benveniste, Maingueneau e Greimas para a comunicação proposta, bem como análises críticas de pesquisadores da área.

Palavras-chave: *ethos*; melancolia; Peanuts; Charlie Brown.

SOBRE A ECOLOGIA LINGUÍSTICA DA GALÍCIA E SEUS HÍBRIDOS

Cecilia Farias de Souza

Esta pesquisa visa a descrever os fatores locais que, em cada interação, levam os falantes na Galícia (Espanha) a usar ora traços linguísticos do castelhano, ora do galego, considerando que, ao selecionar traços de línguas diferentes, algo inteiramente novo é criado, e essas criações podem revelar diversas construções sociais, políticas, culturais, ideológicas. Ainda que as realidades monolíngues sejam minoria no mundo, prevalece nas sociedades ocidentais a ideia da existência de um monolinguismo fictício e de um multilinguismo frequentemente associado à coexistência, no mesmo território, de duas ou mais línguas identificadas como entidades separadas, remetendo à existência de monolinguismos paralelos (COULMAS, 2018; LÜPKE, 2016) – com seus respectivos sistemas de ensino, prescrições gramaticais, etc. –, ignorando-se a criatividade, versatilidade e ausência de claras fronteiras que caracterizam a interação humana cotidiana. São amplamente estudadas situações comunicativas em que é ativada uma ou outra língua para um interlocutor, como se as pessoas, de acordo com a situação, desligassem uma língua e ligassem outra. Quando a variação, entretanto, ocorre por meio do uso de traços associados a diferentes línguas co-ocorrendo na mesma interação, pelo mesmo falante, observa-se que essas instâncias de uso não são estudadas detalhadamente, não indo muito além de observações acerca do nível da ideologia (LÜPKE, 2016). O interesse deste trabalho é tratar como central esse tipo de alternância frequentemente tratada como marginal. Considera-se nesta pesquisa que a semiose emerge e se desenvolve localmente na interação, de modo que os traços linguísticos estão em permanente movimento, adaptando-se às mudanças locais de contexto (MUFWENE, 2008; LÜPKE, 2016, 2017). Considera-se também que os falantes estão o tempo todo diante de uma série de formas linguísticas concorrendo entre si, e as práticas linguísticas sofrerão influência de fatores ambientais – sejam eles políticos, legais, religiosos, etc. (COULMAS, 2018). Portanto, o que interessa aqui são as interações comunicativas concretas e o uso da língua por indivíduos reais, nas suas circunstâncias particulares. Serão tomados como objeto de estudo dados de práticas linguísticas em interações comunicativas.

Palavras-chave: Galícia; híbridos linguísticos; multilinguismo.

A INTERFACE SINTAXE-FONOLOGIA NO CASO DOS *BLENDS*

César Elidio Marangoni Junior

Os *blends*, como *namorido* (*namorado* + *marido*), *cariúcho* (*carioca* + *gaúcho*) e *sacolé* (*saco* + *picolé*), muitas vezes são tratados como resultados de processos assistemáticos ou extragramaticais de formação de palavras; na abordagem aqui desenvolvida, todavia, o *blending* é visto como um processo gramatical cuja formação se dá na interface entre os componentes sintático e fonológico. Adota-se um modelo de arquitetura da gramática em que a derivação sintática se dá nos moldes da Morfologia Distribuída e a inserção de fonologia em PF se faz por meio de *tableaux* otimistas (cf. TROMMER, 2001). A hipótese é a de que o *blend* é um subtipo dos compostos (NÓBREGA, 2014) que apresenta um comportamento morfofonológico específico. Sintaticamente, o *blend* é formado por duas raízes categorizadas que são concatenadas a um morfema avaliativo, responsável pela leitura avaliativa própria do processo, e recategorizados por um terceiro núcleo categorizador, responsável pelas informações categoriais e flexionais e por sugerir que há uma única unidade sentencial. No caminho para PF, o morfema avaliativo funciona como um gatilho para a ativação de um *ranking* de restrições morfofonológicas que dizem respeito, por exemplo, à pauta acentual e ao número de sílabas da estrutura derivada; o comportamento fonológico dos *blends* é visto, assim, como um epifenômeno. A realização fonológica da estrutura sintática derivada é dada por meio da checagem da performance dos itens de vocabulário em relação ao *ranking* de restrições do *blending*, escolhendo-se aquele que tiver uma melhor performance – a análise dos dados busca delimitar as restrições. No caminho para LF, a estrutura formada é interpretada composicionalmente. Portanto, defende-se que um traço avaliativo faz parte do inventário universal dos traços e pode ser acessado desde o início da derivação; a hipótese levantada pode ser averiguada para outros casos de morfologia dita “não concatenativa”, como os truncamentos e os hipocorísticos.

Palavras-chave: *blending*; formação de palavras; morfofonologia; interface sintaxe-fonologia; morfologia avaliativa.

COMO O CONTEXTO INFLUENCIA NA PRODUÇÃO DO QU-*IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Clariana Lara Vieira

Analisando as interrogativas-QU no Português Brasileiro (PB), percebemos uma escassez na produção infantil de QU-*in situ* com relação a sua contraparte movida, apesar de estudos sugerirem que a construção seja produtiva na fala adulta (LOPES ROSSI, 1996). Esses dados vêm intrigando pesquisadores do PB, uma vez que a construção menos produtiva é também a mais econômica, por não envolver movimento aberto do elemento-QU. Uma das hipóteses para diferenciar as estratégias interrogativas e que justificaria esta aquisição tardia do QU-*in situ* é de natureza pragmática. Pesquisadores como Chang (1997), Pires & Taylor (2007), DeRoma (2011) e Biezma (2016) têm defendido a necessidade de um contexto previamente compartilhado entre os participantes da conversa que licencie o uso de QU-*in situ*, diferenciando-o do QU-movido, que pode ser produzido tanto nesses contextos como em perguntas *out-of-the-blue*. Os autores, entretanto, discordam quanto ao tipo de informação que precisa fazer parte do fundo comum compartilhado para que o QU-*in situ* seja possível. Assim, no presente trabalho, procuraremos discutir as diferentes perspectivas e como elas podem nos ajudar a compreender o fenômeno no PB. Com este propósito, analisaremos perguntas-QU coletadas em gravações espontâneas e discutiremos os contextos em que cada pergunta é produzida, levando em conta as distintas abordagens encontradas na literatura de QU-*in situ*.

Palavras-chave: aquisição; QU-*in situ*; *common ground*; *givenness*.

O PLANO DE EXPRESSÃO NO QUADRINHO EXPERIMENTAL

Clarissa Ferreira Monteiro

O presente trabalho apresentará os desenvolvimentos e inquietudes da pesquisa de doutorado em andamento, que tem por objeto o quadrinho experimental. Os quadrinhos possuem modos de leitura: o texto, seja ele ocidental (como a superaventura ou tira de jornal) ou oriental (como o mangá), apresenta coerções, fruto de sua configuração formal. Produtos da comunicação de massa (como o cinema, a televisão etc.), apresentam codificação que permite identificá-los como tais, prova do efeito de reconhecimento produzido pela formalização da linguagem (DISCINI, 2009; PIETROFORTE, 2018). Tendo em vista a estabilização de determinadas práticas presentes nesses textos (tomando como referência a produção *mainstream*), são denominados quadrinhos experimentais aqueles que rompem com o código estabelecido pela produção massificada e massificante da indústria editorial. Considera-se, então, que o experimentalismo coloca linguagens em conflito: com as práticas consolidadas, de um lado, e os desvios e inovações, do outro, marcando espaço de tensão. A pesquisa abordará três elementos do plano de expressão presentes (em sua maioria) na estrutura dos quadrinhos: o suporte de inscrição, o tratamento plástico dado ao componente verbal e a organização diagramática. A presente comunicação discutirá sobre esses três elementos, mas se dedicará principalmente à investigação do suporte de inscrição, a partir dos estudos de Dondero e Fontanille. Serão utilizados também os estudos de Peeters e Groensteen, que abordam questões envolvendo o *layout*, abrindo caminhos interessantes de exploração. Tomando como princípio que a substância da expressão não é passiva e sua materialidade interfere na forma, buscar-se-á demonstrar como o quadrinho experimental pode fazer uso inovador de seu suporte de inscrição, subverter as coerções estabelecidas pela configuração formal convencional e como isso afeta o processo de leitura, produzindo interessantes efeitos de sentido.

Palavras-chave: quadrinhos; semiótica; plano de expressão; experimentalismo.

O (NÃO-)CONGELAMENTO DE MODIFICADORES DENTRO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Claudia Souza Coelho

Lebeaux (1988) argumentou que algumas expressões idiomáticas (doravante *EIs*) formadas por verbo + objeto direto têm determinantes congelados, enquanto outras proibem um determinante. Esses dois “grupos” apresentariam também contraste quanto à possibilidade de passivização.

Bruening (2010a) propõe que esse tipo de *EI* envolve seleção do nome pelo verbo e a ocorrência de determinantes e outros modificadores é livre, porque não romperia essa relação de seleção.

Em PB, algumas *EIs* têm determinantes livres, outras não.

- (1) a. O João descascou o abacaxi/um abacaxi.
b. O João está arrastando a asa/uma asa pra Maria.

- (2) a. O João pagou o pato/*um pato.
b. O João chutou o balde/*um balde.

Quanto à passivização, resistem a essa operação em geral.

- (3) a. ?O abacaxi foi descascado pelo João.
b. *A asa está sendo arrastada para a Maria.
c. ?O pato foi pago (pelo João).
d. *O balde foi chutado (pelo João).

Algumas *EIs* permitem adicionar intensificadores como *maior*, outras não.

- (4) a. O João (me) quebrou um galho/o maior galho.
b. O João pagou um mico/o maior mico.
- (5) a. O João chutou o balde/*o maior balde.
b. O João pagou o pato/*o maior pato.

Algumas permitem adicionar um possessivo ou expressar uma posse inalienável, outras não.

(6) a. O João vai quebrar (o) meu galho/(o) seu galho.

b. A Maria abriu o coração/abriu o coração dela.

c. *A Maria abriu o coração do João.

(7) a. O João bateu as botas/*as botas dele.

b. O João me deu uma mão/*me deu uma mão dele

Portanto, as *EIs* verbo + objeto direto não são um grupo homogêneo em PB e suas peculiaridades quanto às propostas de Lebeaux (1988) e de Bruening (2010a) requerem revisões para alcançarmos uma análise unificada, a qual contribuirá também para a discussão sobre a estrutura de projeções nominais.

Palavras-chave: expressões idiomáticas; determinantes; modificadores; domínio nominal.

ENUNCIÇÃO E TENSIVIDADE DA PESSOA NO DISCURSO POLÍTICO

Cleide Lima da Silva

Ao observar a interação entre a língua e a fala, Benveniste (1974) elabora a teoria da enunciação, que constitui como categorias: a pessoa, o espaço e o tempo. Na primeira delas, a actorialização é o componente responsável por instituir atores no discurso (FIORIN, 2016). Sobre o sujeito da enunciação, Discini (2004) chama a atenção para a necessidade de o analista do discurso debruçar-se sobre a figura do ator da enunciação para que, na totalidade de discursos, possa reconhecer a relação do sujeito com o mundo. É a partir dessa proposição que, no contexto das eleições presidenciais de 2018, direcionamos nosso olhar semiótico para a interação que se configurou a partir do discurso do candidato Jair Bolsonaro e a repercussão de suas declarações nos grupos de mulheres denominados #EleNão e #EleSim, acerca da visão de mundo desses atores políticos sobre grupos sociais marginalizados, isto é: mulheres, negros, LGBT, imigrantes, indígenas etc. Ao investigar o ator da enunciação no contexto político, temos por objetivo não somente analisar a constituição da pessoa discursiva na figura do candidato Jair Bolsonaro, por suas declarações sobre os grupos marginalizados, mas também o ator coletivo instituído pela homogeneização figurativa de sujeitos reunidos em grupos de mulheres que optaram por aderir ou não ao discurso do presidencial. A partir dos exames da actorialização e do ator coletivo, noção esta introduzida na semiótica por Greimas e Landowski (1981), pretendemos observar, por conseguinte, os efeitos tensivos produzidos na interação discursiva que se deu por meio das eleições de 2018. Para essa etapa da pesquisa, apoiar-nos-emos nos estudos da semiótica tensiva elaborada por Zilberberg (2011), com o objetivo de relacionar a actorialização e os possíveis impactos sensíveis produzidos nos discursos de Bolsonaro e das mulheres, os quais sugerem diferentes tensões, de acordo com a relação do sujeito com o *outro*.

Palavras-chave: enunciação; actorialização; ator coletivo; tensividade.

GRANDE SERTÃO: A POLIFONIA SEMIOTIZADA

Daniela dos Santos

Esta pesquisa tem como objetivo cruzar as ideias de Mikhail Bakhtin com a obra *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, fazendo um estudo semiotizado da polifonia na obra-prima do autor brasileiro. O romance em pauta carrega a síntese do gênero sob a perspectiva do filósofo russo: os problemas e as contradições desta vida não se resolvem, são irremediavelmente contraditórios, o universo de sentido é plural, a construção semiótica dos atores é, antes de qualquer coisa, a representação de consciências plurais, nunca de um “eu” único, mas produto da interação de muitas consciências, dotadas de valores próprios, que interagem ao longo da narrativa, preenchendo, com suas vozes, as lacunas deixadas no enunciado de seus interlocutores. Será empreendida, então, uma análise semiótica da força estética da *poética* de Rosa. Para isso, apreenderemos mecanismos semióticos de construção da polifonia romanesca, entrelaçando trechos de *Grande sertão: veredas*, por meio do reconhecimento de uma invariante: as condições de emergência da equipolência de consciências junto aos personagens Riobaldo e Diadorim. Isso será feito na medida em que eles se apresentam na ordem do inacabamento actorial, sendo fundamental, para a noção de ator, as bases teóricas oferecidas pela semiótica discursiva (GREIMAS; COURTÉS, 2008), bem como a noção de ator tal como proposta por uma estilística de viés semiótico (DISCINI, 2015). Desse modo, cotejaremos, portanto, o pensamento de Bakhtin (2010a, 2010b, 2011) com a Semiótica, enquanto a polifonia será contemplada na imanência da geração de sentido.

Palavras-chave: polifonia; Bakhtin; semiótica discursiva; Guimarães Rosa.

ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS EM PARÁBOLAS ESCRITAS EM LÍNGUA ESPAÑHOLA

Demócrito de Oliveira Lins

Sabe-se que hoje em dia saber ler funcionalmente não consiste simplesmente em decodificar sons e letras, mas sobretudo em compreender e construir os sentidos no/pelo texto. Este talvez seja um dos objetivos elementares dos professores de línguas, seja ela materna ou estrangeira, ou seja, ensinar aos alunos não só a decodificar palavras, mas a entender e interpretar os múltiplos sentidos expressos em construções linguísticas mais complexas, como um texto. Ademais, embora os processos de aprendizagem de uma língua estrangeira difiram dos da língua materna, há procedimentos linguísticos presentes em qualquer língua natural cuja compreensão é de suma importância para alcançar tal objetivo. Considerando que o objeto de estudo da semiótica é o *sentido*, pretendemos, à luz da semiótica francesa e, considerando o nível discursivo do percurso gerativo do sentido, analisar como as cadeias isotópicas vão sendo construídas e de que modo contribuem para a construção do duplo sentido de parábolas escritas em língua espanhola. Como referencial teórico temos Greimas & Courtés (2008), Greimas (1973), Bertrand (2003), Fiorin (1996), Barros (1990, 2001), Postal (2007), entre outros. O corpus escolhido constitui-se de parábolas presentes nas duas partes da obra *La culpa es de la vaca*, de Jaime Lopera Gutiérrez e Marta Inés Bernal Trujillo. Finalmente, faz-se necessário destacar não só o caráter científico da pesquisa, mas também sua dimensão social expressa, sobretudo no gênero dos textos escolhidos para formar o corpus.

Palavras-chave: semiótica francesa; cadeias isotópicas; língua espanhola.

FONTES DO *MÉMOIRE* DE SAUSSURE

Edgard Bikelis

Esta comunicação visa apresentar os resultados parciais de nossa pesquisa de doutorado sobre o *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1879 por Ferdinand de Saussure (1857-1913). Ainda que Saussure seja mormente conhecido, por seus pósteros, como o autor do *Curso de Linguística Geral* de 1916, em vida seu reconhecimento deu-se, em grande parte, pelo seu magistério e pela publicação deste *Mémoire* (SANDERS, 2004: 2), que trata da reconstrução do sistema vocálico do (proto-)indo-europeu, idioma, ou conjunto de dialetos, de que descenderiam todas as línguas indo-europeias. Valêmo-nos da metodologia defendida pela Historiografia Linguística, disciplina que, segundo Altman (2012:29), busca “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.” Segundo Swiggers (2012: 43) há três etapas indispensáveis ao trabalho historiográfico: uma heurística, definida pela constituição do corpus de fontes textuais, documentação biográfica e bibliográfica; uma hermenêutica, de interpretação contextualizada desses textos e a busca da relação com outros textos, autores, tradições etc; por fim, uma etapa de escrita da história, em que se busca construir uma narrativa sobre o passado dos estudos linguísticos. Em nossa pesquisa de doutorado, nós nos temos dedicado às primeiras etapas assim definidas, a saber a heurística, em que estabelecemos o texto do *Mémoire* de Saussure a partir de sua primeira edição e, posteriormente, dedicamo-nos à sua tradução. Munidos desses subsídios, temos investigado os tipos e fontes do material linguístico empregado por Saussure, bem como suas fontes, a relação entre elas, e a relação delas com a formação do autor. A partir dessa investigação, podemos tratar da etapa de historiografia propriamente dita, objetivo final de nossa pesquisa.

Palavras-chave: Saussure; proto-indo-europeu; vocalismo; *Mémoire*; linguística indo-europeia.

BERTOLEZA E SEUS ARREDORES: A RESPEITO DA FIGURATIVIZAÇÃO

Eduardo Prachedes Queiroz

O cortiço (1890), famoso romance naturalista de Aluísio Azevedo que continua a ganhar publicações anuais mesmo após 130 anos desde sua primeira publicação, dá vida a personagens representantes de diferentes tipos sociais, acabando por esbarrar em questões étnico-raciais. Em nossa pesquisa de mestrado, fazemos uso da teoria semiótica discursiva para a análise da construção de personagens negras n'*O cortiço*, e, neste trabalho, concentrar-nos-emos na análise da construção figurativa de Bertoleza, personagem de suma importância no romance. Para a análise, verificamos, em alguns excertos da obra, como se dão as ancoragens de pessoa e de espaço, observando quais são as consequências para a construção de Bertoleza, atentando-nos, assim, tanto com relação à personagem como ao ambiente que a rodeia, ao uso de figuras que formam uma isotopia da sujeira. Interessam-nos, ainda, os investimentos sensoriais que recebem Bertoleza e o espaço em que ela se apresenta, motivo pelo qual examinamos as figuras que trazem à tona os cinco sentidos e que, além de caracterizar a personagem, são por vezes usados para opô-la axiologicamente a outra personagem ou para opor realidade e sonho. Examinamos, por fim, como o uso de figuras esparsas, aquelas que não chegam a formar uma grande isotopia, podem funcionar como uma espécie de argumentação figurativa, tendo, também, grande impacto na caracterização de Bertoleza.

Palavras-chave: *O cortiço*; semiótica; figuratividade.

O DESFALECIMENTO DO SENTIDO DOXOLÓGICO EM LISPECTOR

Fernando Moreira

Tratamos a abstração linguística em *Água viva*, de Clarice Lispector, à luz da semiótica discursiva. O livro resulta em uma grade de leitura contínua, sem divisões em capítulos, um simulacro da enunciação sendo enunciada. O sujeito da enunciação faz isso ao escrever por esboços: cria efeitos de sentido mais abertos a interpretações, circundando-os, ao negar a cristalização compartilhada erigida pela tradição ditada pela *doxa* que relega as palavras à clausura. A obra é tomada, neste trabalho, como rica fonte de reflexão semiótica acerca de um projeto geral e abstrato que garante à língua possibilidades de ultrapassagem semântica de quaisquer limites, mostrando a força das construções sintagmáticas do discurso no percurso da significação no qual o afeto é subjacente, em face da categorização do lexema. Procurou-se responder à pergunta: em que medida a abstração linguística, figurativizada em desmorfias ditadas por um andamento que tende a se descolar da rapidez cristalizada socialmente, traz um alargamento de sentidos, passando pela convocação do sensível em *Água viva*? Para a análise, tratamos da enunciação, do desfalecimento da forma, da figuratividade e do figural, da complexidade semiótica em Lispector, do andamento e do ajustamento tensivos na obra. Chegou-se à conclusão, a partir do ferramental teórico, de que a grade de leitura proposta pelo enunciador se aproxima do que é da ordem da iconicidade, ultrapassando-a e primando pelo figural, objetivando a uma espécie de *grau zero* de sentido para, em seguida, proceder a uma ultrapassagem semântica. A estratégia, no livro, é tentar reproduzir esse efeito com palavras, na medida em que a personagem escreve por esboços, como que a pinceladas, priorizando a abstração juntamente com outros processos que agem para que ocorra um *deslimite* ou libertação dos significados cristalizados. Entre os outros componentes que atuam simultaneamente para esse fim está a expansão temporal do instante do agora, o *instante-já* clariciano.

Palavras-chave: Lispector; semiótica tensiva; figuratividade; sentido; deslimite da palavra.

MULTILINGUISMO E ECOLOGIAS LINGUÍSTICAS: UM ESTUDO DE CASO DO PORTUGUÊS DE ANGOLA

Gabriella Souza Oliveira

Este projeto, sob título ainda provisório, se propõe a trazer uma abordagem sobre diferentes aspectos morfosintáticos, semânticos e lexicais do chamado português angolano, em busca de evidências que demonstrem o papel do contato linguístico quanto à emergência e mudança linguísticas. A investigação proposta se justifica uma vez que coloca em evidência o protagonismo das línguas nativas africanas quanto à influência no português falado em Angola, bem como traz à luz questionamentos que nos permitem repensar o modo como as línguas foram e ainda são construídas, nomeadas e ambientadas desde o colonialismo. Por muitos anos, os estudos das línguas que emergiram a partir deste contexto, como “línguas mistas”, “crioulas”, e de variedades de língua diferentes da hegemônica colonizadora, estiveram fundamentados em pressupostos que marcam a emergência de tais línguas como distantes do que seria considerado línguas “normais”, devido às suas origens e às suas características denominadas híbridas. Consideradas muitas vezes como “simples”, “excepcionais” e até mesmo “inferiores”, eram vistas como uma versão distorcida da língua padrão, indo-europeia. Claramente, esse ponto de vista reducionista reproduz uma lógica colonialista e ignora uma dinâmica muito mais diversa e complexa que permeia a constituição dessas línguas. Na perspectiva desse trabalho, a ecologia linguística, na qual os falantes estão inseridos, fornece as ferramentas necessárias para que os indivíduos selecionem, a partir de um banco de traços linguísticos disponíveis dado o contato linguístico, os elementos que serão recombinaados para a formação de uma nova língua ou de novos aspectos linguísticos (MUFWENE, 2001). Assumo que esse processo faz parte de um percurso que ocorre de maneira natural em todas as línguas. Para auxiliar a análise, o *corpus* a ser usado está sendo formado a partir de uma série de entrevistas de fala espontânea de canais da TV aberta angolana e posteriormente transcritas pelo *software* ELAN.

Palavras-chave: multilinguismo; ecologia linguística; português angolano; contato linguístico.

A ORIGEM DO MUNDO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA VAGINA OU A VULVA VS. O PATRIARCADO, DE LIV STRÖMQUIST. UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Gizelia Mendes Saliby

O presente estudo objetiva analisar as diferentes escolhas enunciativas lançadas mão pela autora Liv Strömquist na obra *A origem do mundo: Uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado* (2018) para desconstruir traços do que se entende como o simulacro do que é a categoria *feminino* nos âmbitos sociais e políticos na sociedade. Com base nas escolhas discursivas, plásticas e verbais, será feita uma análise de como tais mecanismos discursivos têm o poder de dominação no seio social. A pesquisa parte do questionamento sobre a estratégia enunciativa da autora em utilizar recursos diversos em sua obra, como desenhos com traços diferentes ao longo dos capítulos, alternância do uso do policromatismo e do monocromatismo, fotografias, propagandas, capturas de tela de publicações em páginas da internet e notas em que sugere pesquisas complementares, entre outros. Sendo assim, a pergunta que norteia a investigação pode ser formulada como: qual a importância da heterogeneidade discursiva para a desconstrução do que ela se propõe na obra? E parte das seguintes hipóteses: (i) tentativa de estabelecer uma narrativa confrontando o pouco que se conhece a respeito da temática da história da genitália feminina e de sua íntima relação com as políticas de controle do corpo feminino; (ii) refletir sobre como os desenhos com traços infantilizados e a linguagem, por vezes demasiado didática, ressaltam o desconhecimento do enunciatário pressuposto perante a temática. O produto final da pesquisa visará responder qual(is) da(s) hipótese(s) formulada(s) apresenta(m)-se como verdadeira(s) e para tal, a análise será pautada nos conceitos teóricos da semiótica greimasiana e semiótica plástica e sincrética de Jean-Marie Floch (1990).

Palavras-chave: feminismo; sincretismo; quadrinho; semiótica visual.

ENTRE PATHOS PICTÓRICO E VERBAL: DO EXPRESSIONISMO NA PINTURA E NO ROMANCE *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Gustavo Maciel de Oliveira

A presente comunicação vem explorar elementos e dados de nossa pesquisa de doutorado, que se desdobra de achados e questões presentes em nosso trabalho de dissertação. Visamos estabelecer uma aproximação entre o romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e a vanguarda expressionista, representada por pintores como Edvard Munch e figuras dos grupos Die Brücke (Emil Nolde, Erich Heckel, Schimidt-Rottluff, dentre outros) e Der Blaue Reiter (Kandinsky, dentre outros), que compuseram movimentos artísticos surgidos na Alemanha do início do século XX. Nossos objetivos centrais são a investigação e levantamento dos mecanismos semióticos que motivam o fato de o romance *Angústia* ser chamado “expressionista” por autores de sua fortuna crítica, levando em conta também que a raiz da aproximação está atrelada tanto a uma comparação entre linguagem verbal e linguagem pictórica quanto à dimensão figurativo-passional do romance em comparação a uma possível dimensão passional atribuída às pinturas que examinaremos. Nesse desiderato, dialogaremos sobretudo com a semiótica francesa e seus desdobramentos na semiótica das paixões, na semiótica plástica e na semiótica tensiva, visando explorar questões de andamento, intensidade e passionalidade tanto no romance, quanto nas pinturas que comporão nosso corpus. Nesse contexto, ao fim e ao cabo, a hipótese que temos é a seguinte: por ser o romance *Angústia* “hiperestésico” (exploração excessiva das figuras que remetem aos sentidos, temporalização da percepção, figuralidade, sinestésias), atrelando paixão e percepção, ele serve a aproximações com as pinturas expressionistas que exploram a intensidade das cores, o excesso da textura, a deformação figurativa, dentre outros mecanismos plásticos, figurativos e figurais que, por suas características tensivas, são vistos como passionais.

Palavras-chave: pathos; romance *Angústia*; pintura; expressionismo; tensividade.

A DERIVA DIALETAL EM PORTUGUÊS: O CASO DO INFINITIVO PREPOSICIONADO

Gustavo Martins

O processo de diferenciação dialetal, compreendido como o processo através do qual uma determinada gramática se divide em dois conjuntos de regras distintos ao longo do tempo, é um ponto de discussão central dentro dos estudos da mudança, uma vez que oferece uma janela para a observação de processos mais gerais da evolução linguística. Inserindo-se dentro de tal campo de trabalho, essa pesquisa se propõe a averiguar o desenvolvimento das construções de infinitivo preposicionado (doravante, InfP) dentro do português europeu (PE), onde essas, em muitos contextos, suplantaram as formas de gerúndio (veja-se: *a dormir vs dormindo*). Tais estruturas podem ser atestadas desde o século XIV em português, porém jamais ganharam popularidade no português brasileiro (PB) e mesmo dentro do português europeu seu crescimento mais expressivo parece ter se dado apenas a partir do XVIII tardio e início do XIX. Tentar compreender quais os caminhos levaram à popularização de tais construções em PE, mas não em PB, pode, portanto, oferecer pistas não apenas sobre a evolução geral do PB como um dialeto, mas também sobre processos gerais de deriva dialetal. Para compreender tal caminho, essa pesquisa busca traçar a evolução das construções de InfP e de seus significados nas duas variedades do português desde o século XIV até o século XX.

Palavras-chave: português europeu; português brasileiro; infinitivo preposicionado.

AS ISOTOPIAS METAPOÉTICAS EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO: UM ESTUDO SEMIÓTICO

Hadassa Franca Maciel

Ao longo de sua antologia poética, João Cabral de Melo Neto teceu algumas considerações acerca do poeta, da poesia e do fazer poético, sob a forma de poemas escolhidos e delimitados para esta análise como *metapoemas*. Eles foram selecionados em busca de uma construção comum de sentido acerca desse universo, pelo olhar do poeta pernambucano, em sua poesia peculiar, construída e lapidada pela forma concisa, conteúdo triado e outros tantos elementos que perpassam o sentido do próprio poema. Tal característica abre caminho para uma análise semiótica do fazer laboral, que, ao construir-se, explica a si próprio. É, então, visando construir uma teia de relações isotópicas das reflexões poéticas acerca desse fazer que são feitas as análises de alguns poemas da obra do poeta pernambucano, lançando mão dos instrumentos semióticos que podem fornecer um olhar aplicado ao sentido e à forma que neles se constrói. Interessa encontrar recorrências, processos de significação e conteúdos estruturais que traduzam, pelas relações em sua gênese e entre si, qual a “lição de poesia” que se pode tomar a partir de sua leitura.

Palavras-chave: isotopia; metapoesia; João Cabral de Melo Neto; semiótica.

A INTERSECÇÃO ENTRE VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS, CATEGORIAS SOCIAIS E ATITUDES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

Isabel Pie de Lima e Souza

A partir da teoria emergentista para o estudo da significação social da variação linguística proposta por Eckert (2008, 2012, 2016) e de estudos sobre linguagem, gênero e sexualidade e suas intersecções (BUTLER, 1990; LEVON, 2014, 2016) encaminham-se dois experimentos de percepção sociolinguística, desenhados com a técnica *matched-guise* (LAMBERT *et al.*, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2009). O primeiro deles testa a percepção de ouvintes acerca da variável *pitch* médio. O segundo combina três variáveis linguísticas distintas: concordância nominal de número (nível morfossintático), duração de /-s/ em coda silábica (nível fonético) e *pitch* médio (nível prosódico). O objetivo central dos experimentos é verificar como as variáveis interagem e se interseccionam ao indiciar significados sociais relacionados às categorias de gênero, sexualidade e classe socioeconômica. Também faz parte da proposta aplicar um questionário psicológico aos ouvintes que participam do experimento, no sentido de acessar suas atitudes diante da homossexualidade. Assim, no momento da análise de suas reações/respostas aos estímulos auditivos definidos pelas variáveis linguísticas, pode-se investigar como sua percepção sociolinguística é influenciada pela posição que eles mantêm diante da questão da homossexualidade. O pressuposto teórico principal que embasa esse projeto é o de que a construção de significados sociais depende fortemente do seu contexto situacional e linguístico, sendo o ouvinte um agente na produção de tais significados, de forma que suas crenças e atitudes também devem ser levadas em conta quando se estuda o campo indicial de variáveis sociolinguísticas.

Palavras-chave: percepção sociolinguística; estudo *matched-guise*; gênero; sexualidade.

O QUE FAZ OS SERES HUMANOS ÚNICOS: MOTIVOS COOPERATIVOS NA AURORA DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Joana Bortolini Franco

Esta comunicação apresentará uma revisão bibliográfica da obra de Michael Tomasello, com foco em sua teoria sobre a evolução filogenética da linguagem humana. O objetivo desta revisão bibliográfica é destacar a importância dos motivos cooperativos nos primeiros passos que levaram à comunicação cooperativa, segundo a teoria apresentada em Tomasello (2008). Os motivos cooperativos respondem à pergunta “o que faz os seres humanos únicos?” e fazem parte de um deslocamento de perspectiva na produção de Tomasello, marcada pela percepção de que os seres humanos e os primatas não humanos compartilham muito mais habilidades cognitivas do que antes se pensava. Antes disso, Tomasello propunha que apenas os seres humanos eram capazes de perceber seus coespecíficos como seres intencionais, mas um conjunto de experimentos mostrou que os nossos parentes mais próximos também são capazes disso. Assim, além das habilidades cognitivas relacionadas à leitura de intencionalidade, compartilhada com os primatas não humanos, os seres humanos precisam ter outro diferencial, que são os motivos cooperativos de compartilhar e ajudar. Os motivos cooperativos emergiram na espécie humana oferecendo vantagem seletiva em atividades de colaboração mútua e constituíram a base para a construção da infraestrutura da comunicação cooperativa, que é o traço distintivo da comunicação humana, segundo Tomasello.

Palavras-chave: Tomasello; intencionalidade compartilhada; motivos cooperativos; evolução da comunicação.

AS AÇÕES BUCAIS NA ELABORAÇÃO DE AÇÕES CO-OPERATIVAS

João Paulo da Silva

Em coordenação com as ações manuais e com as ações de outros membros do corpo, as ações bucais são parte integrante das sinalizações proficientes em línguas sinalizadas. O objetivo desta pesquisa é o de descrever o papel dessas ações na semiose em uma conversa entre surdos adultos em língua de sinais brasileira (libras). Para tanto, parto da noção de ação co-operativa (GOODWIN, 2018), segundo a qual as ações realizadas em uma interação são entendidas como sendo co-constituídas por elementos semióticos maleáveis e porosos, passíveis de recombinação para a elaboração de novas ações. Valendo-se disso, os participantes da conversa executam, ao longo da interação, co-operações sistemáticas para criar novas ações, aproveitando materiais elaborados pelas ações do(s) outro(s) e disponibilizados no próprio curso da interação. O corpus desta pesquisa está sendo construído a partir de uma conversa semi-espontânea gravada em estúdio, transcrita de acordo com o modelo proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010), com as modificações necessárias para os fins deste trabalho. Nesta apresentação, analiso algumas ocorrências de ações bucais extraídas do corpus, com o objetivo de esclarecer, a partir dos dados, a natureza dessas ações e algumas das co-operações elaboradas a partir dessas ações. Em um dos exemplos analisados, (R) chama (W) de egoísta porque (W) diz que não queria fazer trabalho escolar com um amigo surdo. (R) diz isso usando o sinal manual EGOÍSTA acompanhado de uma sequência de ações bucais que se inicia com a ação de esticar a língua para fora para atribuir um significado negativo à condição de ser egoísta. Na sequência, (W) se justifica, reportando, em discurso direto, a fala do seu amigo, dizendo continuamente ‘eu não sei’. Durante esse trecho, (W) também estica a língua para fora, para atribuir significado negativo à ação do colega de não contribuir com a tarefa.

Palavras-chave: ações bucais; ação co-operativa; interação; libras.

IMPLICATURAS NA FALA ESPONTÂNEA INFANTIL E NO *INPUT*: *INSIGHTS*

PRELIMINARES

Jonathan Silva Torres

Nas últimas duas décadas, as implicaturas – e mais especificamente, as implicaturas escalares – têm sido um *hot topic* nos estudos em aquisição da linguagem. A popularidade do tema, entre outros motivos, é devida às observações iniciais de que a interpretação de itens escalares como “alguns” por crianças de até, pelo menos, quatro anos de idade difere da dos adultos. Ou seja, as crianças, mais do que os adultos, tendem a dar uma leitura *lower-bound* (“alguns e possivelmente todos”) para estes itens, sob situações experimentais (PAPAFRAGOU; MUSOLINO, 2003). Contudo, a vasta maioria da literatura tem se debruçado apenas sobre a compreensão das crianças, não levando em conta sua produção. Sendo assim, neste trabalho, discutiremos o comportamento linguístico de crianças, no que concerne à produção e compreensão de implicaturas, adquirindo português brasileiro (PB) como língua materna. Apresentaremos a coleta parcial de dados longitudinais de fala espontânea de duas crianças, com idades entre 2;0 e 4;0, além dos dados do *input* de seus responsáveis. Nossas análises tomam como pressuposto a noção de *Question Under Discussion* (QUD) (ROBERTS, 2012), em que implicaturas só são disparadas quando a proposição saliente é relevante para responder a uma dada QUD. Os resultados obtidos, ainda que preliminares, apontam para a compreensão e produção de implicaturas pelas crianças antes de elas completarem quatro anos de idade.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; pragmática; implicaturas.

O MARCADOR DE NEGAÇÃO SENTENCIAL DO JAPONÊS SOB ANÁLISE DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Jorge Willian Pedroso

O presente trabalho trata do marcador de negação sentencial do japonês, que será observado no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como predicado morfológicamente complexo (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016). Nosso objetivo é revisitar a formação desses predicados morfológicamente complexos que contenham o marcador de negação sentencial. Seguindo os trabalhos de Shibata (2015), Kobayashi e Fujita (2016) e Kishimoto e Uehara (2016), proporemos uma análise baseada no arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ 1993, 1994; EMBICK; NOYER, 2001, 2007). Sendo a Morfologia Distribuída uma teoria realizacional, em nossa proposta de análise, assumiremos que o expoente fonológico *-(a)na-* para o marcador de negação do japonês é um elemento funcional inserido pós-sintaticamente que não é composto por uma raiz e um categorizador, e realiza o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfológicamente complexo negado. Com essa assunção, colocaremos em questão o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês na literatura tradicional sobre o tema, refletindo o que se observa empiricamente, isto é, que esses predicados verbais negados não se comportam como adjetivos.

Palavras-chave: negação; predicado morfológicamente complexo; morfologia distribuída.

MELANCOLIA E SUICÍDIO POR MEIO DE UMA VISADA SEMIÓTICA

Joyce do Nascimento Lopes

O trabalho proposto visa apresentar os passos iniciais de nosso projeto de pesquisa para o doutorado. Objetivamos um estudo da paixão melancolia e do suicídio a partir de análise semiótica, fundamentada na teoria de linha francesa, bem como nos avanços da teoria tensiva. Pretendemos elucidar semioticamente de onde emerge o sujeito melancólico utilizando as relações sujeito-objeto, as modalidades e as categorias tensivas. Em pesquisa anterior, compreendemos que o ser melancólico vai caindo em uma profunda atonia a partir da qual toda vivacidade do indivíduo se esvai de modo que, muitas vezes, caminha para a extinção da vida. Entretanto um problema se coloca: embora o melancólico se mostre um ser átono, que tende, cada vez mais, a uma inércia, pensamos o suicídio como uma atitude a exigir algum tipo de intensidade no sentir que o force a levar adiante esse programa narrativo. Seria ele tomado por outra paixão tal qual o desespero? É o que queremos entender. Para tanto, consideramos valermo-nos do conhecido ensaio de Freud, *Luto e melancolia* (1914), visto que sua abordagem tem algo em comum com alguns pressupostos teóricos da semiótica, como a noção de existência semiótica, que concerne à relação sujeito e objeto e à noção de valor. Gostaríamos, assim, de promover uma investigação que intencionasse uma convergência entre semiótica e psicanálise. Acreditamos que pode ser um caminho a ser seguido, auxiliando-nos em nossos objetivos.

Palavras-chave: semiótica; tensividade; sujeito; melancolia; suicídio.

A MARGINÁLIA EM OBRAS DE FICÇÃO: O LEITOR COMO AGENTE NO PROCESSO SEMIÓTICO

Juliana Ángel-Osorno

O estudo da marginália revela as interações do leitor com o autor, o narrador e as personagens, evidenciando que as interações na leitura atravessam os níveis narrativos, ao invés de se ater a apenas um deles. Utilizo a adaptação de Kockelman (2013, 2017) da teoria de signo peirceana para descrever como essas interações podem ser interpretadas. Nesta pesquisa, a marginália se entende como uma série de reações por parte do leitor que emergem durante a leitura, de maneira que ele possa cumprir com o trabalho de leitura. Nesse sentido, as anotações nas margens dos livros são entendidas como *interpretantes* do leitor em relação a um signo que é, no sentido amplo, o texto ficcional. Esse interpretante ingressa no processo semiótico como um novo signo disponível para interpretação. Os leitores, como agentes (cf. Kockelman), têm a capacidade de perceber signos e instigar interpretantes, e nesse processo se envolvem na agência que está distribuída entre eles e outros agentes (no caso, o autor, narrador, personagens) durante a leitura. Discuto as categorias de ‘agente’ e ‘agência’ do processo semiótico colocadas por Kockelman a partir das propostas de Goodwin (2018) e Latour (1996, 1999) para dar contorno ao que seria a participação do leitor e de outros agentes na leitura. Entendo a leitura como trabalho no sentido em que, como qualquer outra atividade ordinária, precisa de atenção. O leitor tem que estar engajado no processo da leitura e tem que trabalhar de modo a completar a tarefa com sucesso (Garfinkel 1967, Livingston 1995). Para a análise, construí um corpus com 412 anotações em espanhol, português e inglês feitas por seis leitores em sete livros de ficção escritos nessas línguas. A observação dos dados, incluindo comentários, perguntas, exclamações, referências intertextuais, setas e emoticons, informaram a criação de algumas categorias analíticas que organizaram o material.

Palavras-chave: leitura de ficção; interação; agência; signo peirceano.

A AQUISIÇÃO DAS VOGAIS ARREDONDADAS DO FRANCÊS POR FALANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juliana Barbosa

As vogais inexistentes no Português Brasileiro (PB), presentes no sistema linguístico do francês, /y/, /ø/, /œ/ são, geralmente, realizadas como as vogais /o/, /e/, /ɛ/, /i/ ou /u/ por brasileiros aprendizes de Francês Língua Estrangeira (FLE). No francês, esses sons são distintivos, como em [blø] (azul) vs. [ble] (trigo), [pœR] (medo) vs. [pɛR] (pai), [ʒu] (bochecha) vs. [ʒy] (suco). Há diferentes teorias que tentam explicar a aquisição de linguagem, muitas delas assumem um Período Crítico (PC). Lenneberg (1967) sugere que a aquisição é biologicamente determinada e dependente do processo de lateralização hemisférica do cérebro por volta dos 12 anos de idade, o que limitaria o acesso à Gramática Universal (GU) que, segundo Chomsky (1986), caracteriza-se por princípios inatos, constituintes de um componente da mente humana: a faculdade da linguagem. Outra interpretação de PC (KUHL, 2000) defende que, durante o aprendizado, há um mapeamento que leva em conta restrições neurais, processuais e computacionais e, assim, em vez de um PC, as crianças passam por Períodos Sensíveis até que se consolide o processo de aquisição. O presente estudo analisa e compara a capacidade de aquisição do FLE por aprendizes e não aprendizes, adultos e crianças, de modo a verificar se a idade dos participantes é indício para que seja confirmada ou refutada a hipótese do PC para acesso à GU na aquisição do FLE. Para isso, quatro grupos de participantes, 20 adultos e 20 crianças menores de 10 anos, aprendizes e não aprendizes de FLE, realizaram testes de percepção e produção de palavras francesas. Resultados preliminares apontam que, de maneira geral, aprendizes apresentaram melhor desempenho em todos os testes, tendo os adultos aprendizes alcançado os melhores índices de acerto no teste de discriminação de vogais.

Palavras-chave: aquisição de L2; francês língua estrangeira; aquisição fonológica de L2.

**FONÉTICA E FONOLOGIA NO BRASIL (1949-2000): CONSERVAÇÃO E
MUDANÇA NO CONHECIMENTO EM CIRCULAÇÃO EM TESES E
DISSERTAÇÕES**

Karina Gonçalves de Souza de Oliveira

Esta pesquisa de doutorado propõe o estudo historiográfico dos caminhos percorridos pelas áreas de estudos da Fonética e da Fonologia no Brasil, ao longo da segunda metade do século XX. Em face da conhecida multiplicidade de modelos disponíveis para tais áreas, nosso objetivo é verificar como as diversas correntes teóricas e metodológicas chegaram ao Brasil, por quem elas foram adotadas, em que instituições, quais foram os seus caminhos (longos, breves; de ampla abrangência, restritos a determinados círculos; em versões “originais”, “adaptadas”, “mescladas”), principalmente nos cursos de pós-graduação em Fonética e Fonologia. Interessa-nos investigar como se dá a formação dessas especialidades (cf. Murray, 1994) e suas eventuais fases de desenvolvimento, atentando-nos tanto a fatores que digam respeito ao seu processo de institucionalização (agentes, grupos, instituições, configurações retóricas, contextos de pesquisa e ensino, distribuição geográfica e temporal dos estudos), quanto a fatores que delineiam perfis específicos de conhecimento (afiliações teóricas, tipos de orientação – sincrônica, diacrônica; ‘teórica’ ou ‘para os dados’ –, temas e línguas tratados, interfaces estabelecidas). Embora, tradicionalmente, o tipo de material que escolhermos - dissertações de mestrado e teses de doutorado - tenha circulação mais restrita que a de livros ou artigos, por exemplo, esse tipo de texto parece permitir avaliar faces distintas do conhecimento, tais como aquelas envolvidas no processo de condução de uma pesquisa de médio ou longo termo; o entrelaçamento entre pesquisa e educação (na simultaneidade dos movimentos de elaboração de um ‘produto’ acadêmico-científico e de formação de um especialista em uma área); no usual processo de rever o estabelecido e propor algum nível de novidade desse gênero textual acadêmico; no esperado detalhamento da metodologia de trabalho e dos pressupostos da pesquisa. Pretendemos, considerados os contextos de produção de conhecimento, chegar a uma compreensão global dos percursos históricos dos estudos do plano da expressão no Brasil.

Palavras-chave: historiografia linguística; fonética; fonologia; teses; dissertações.

**O ESTUDO DOS VERBOS PSICOLÓGICOS, DO TIPO *AGRADAR*, POR
APRENDIZES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
(LE)**

Leiliane de Vasconcelos Silva

Esta investigação parte dos seguintes questionamentos: quais são as propriedades dos verbos psicológicos do tipo *agradar* na língua espanhola? Como explicar para o aprendiz brasileiro o comportamento gramatical da estrutura destes verbos? A justificativa deste trabalho se deve a produção de formas agramaticais como: 1. a* *Yo gusto de estudiar español*, por alunos brasileiros cursando níveis iniciais e até mesmo avançados. A dificuldade de assimilação deste tipo de verbo se deve à diferente composição sintática e semântica entre o português brasileiro (PB) e o espanhol. No espanhol, verbos do tipo *agradar* obedecem à seguinte estrutura: experienciador dativo, logo após um verbo de tipo *agradar* e em seguida um tema nominativo (EXP dat. + verbo + Tema nominativo), o que pode ser o motivo da dificuldade dos professores na hora de entender e explicar o emprego desta estrutura. Uma das hipóteses levantadas pode estar nas explicações presentes nos materiais didáticos de espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) para brasileiros, que muitas vezes estabelecem estruturas mecânicas para memorizar, sem estimular ou empregar atividades Epilinguísticas que façam os alunos compreenderem a lógica desses verbos. Esta comunicação oral pretende demonstrar os caminhos introdutórios da minha pesquisa de doutorado, baseados na área de semântica gramatical direcionada ao ensino de espanhol como língua estrangeira. Para isso, utilizarei: a teoria sobre o ensino de gramática (FERRAREZI JUNIOR, 2019; FRANCH, NEGRÃO, MÜLLER, 2006); os estudos sobre os papéis temáticos (CANÇADO, 2002, 2012) e as investigações sobre os verbos psicológicos (VROON, 2006; PARODI, LUJÁN, 2000; BELLETTI, RIZZI, 1988).

Palavras-chave: semântica gramatical; ensino de línguas estrangeiras; papéis temáticos; verbos psicológicos; verbos do tipo *agradar*.

VERIDICÇÃO E SANÇÃO NOS FÓRUNS DIGITAIS DE JOGOS

Leonardo Reitano

O presente trabalho pretende buscar estratégias para compreender como os textos produzidos dentro de fóruns de discussão sobre o universo de jogos de videogame tratam o princípio da veridicção. Tendo como *corpus* dois jogos multijogador – *League of Legends* (LOL) e *Overwatch* – e seis fóruns digitais – *Youtube*, *Danbooru*, *Wikia*, *Rule 34*, *Reddit*, *Archive of Our Own* – e os fóruns oficiais dos dois jogos. A pesquisa irá inicialmente analisar os jogos a partir do sistema de interpretação semiótica de jogos desenvolvidos por Cardoso Angelo. Após isso, serão analisados os dos fóruns selecionados, a partir de páginas congeladas, como proposto por Norma Discini, e utilizando alguns modelos semióticos como o *continuum* memético proposto por Daniele Marino, e os estudos de *hipertexto* propostos por Espen Aarseth e Luiz Marcuschi. Tendo em mãos os resultados descobertos a partir da análise dos jogos e também dos fóruns, e tomando como referência estudos sobre discurso e enunciação (a partir dos trabalhos de Diana Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin), a cultura coletiva da internet (a partir da obra de Henry Jenkins e Anne Jamison) e o humor (com base nos trabalhos de Mikhail Bakhtin e Henri Bergson) esta pesquisa busca identificar quais são as principais táticas, marcas e elementos discursivos utilizados pelos fãs e jogadores para fortalecer o efeito de veridicção em seus discursos, que se vê parcialmente embasada nas regras do universo de ficção e, por outro lado, também embasada nas relações metafóricas e figurativas que este universo de ficção estabelece com o mundo real.

Palavras-chave: discurso; veridicção; fóruns; videogames; isotopia.

PRIMING SINTÁTICO E O PROCESSAMENTO DE REDES TEMÁTICAS VERBAIS

Leonardo Zeine Mendes de Souza

Investigamos, por meio de experimentos de psicolinguística, a permanência de redes temáticas verbais na memória de trabalho de ouvintes quando expostos a frases com disfluências, ou correções de discurso, como em “O aluno encontrou *uhh* conversou com o colega”. A intenção é verificar se há interferência sintática do verbo anterior à correção, mesmo que ele *a priori* deva ser descartado pelo processador assim que o verbo é reparado. Verificamos que quando os verbos são sinônimos e quando o primeiro verbo aumentaria a aceitabilidade da frase inteira, ou seja, quando o verbo anterior à correção tem sua rede argumental plenamente satisfeita, porém o segundo verbo não, o resultado é o aumento de aceitabilidade da sentença, um evento de *priming* sintático. A interferência semântica insere mais um nível de análise uma vez que é possível que quando os dois verbos, o anterior e o posterior à correção, têm campos semânticos parecidos, suas redes argumentais permaneçam conjuntamente ativadas por mais tempo na memória de trabalho do ouvinte, o que nos leva a pensar um verbo, enquanto estrutura mental, como um complexo em rede de significado e propriedades sintáticas, neste caso a rede argumental. O que iremos mostrar nesta apresentação, portanto, são os nossos resultados parciais dos experimentos com tempos de reação e aceitabilidade das sentenças bem como a estrutura dos próximos experimentos, que irão acontecer ainda este ano.

Palavras-chave: discurso disfluyente; processamento sintático; *priming* sintático.

FORA DO TEXTO HÁ SALVAÇÃO?

Letícia Moraes Lima

No artigo *A enunciação (uma postura epistemológica)*, publicado em 1974, Greimas pronuncia a sua conhecida frase “fora do texto não há salvação”, que virou uma espécie de adágio da semiótica. Esta comunicação tem como objetivo discutir os limites e as expansões da noção de texto no âmbito da semiótica de filiação estruturalista, procurando evidenciar como as práticas, a cultura, os comportamentos, as experiências “em ato” e o contexto podem ser compreendidos pelo olhar dos semioticistas greimasianos. Para tanto, revisaremos, de um lado, as acepções de textos encontradas nos escritos de Hjelmslev (1943), Greimas (1966; 1974; 1976) e Greimas e Courtés (1979), com o intuito de desvelar as acepções de textos que sustentam o projeto científico da semiótica em sua base. De outro, examinaremos como o texto e a textualidade apresentam-se nas vertentes contemporâneas da semiótica, mais especificamente, em Landowski (2005; 2017) e Fontanille (2008; 2017), críticos do adágio greimasiano e do dito “cercado textualista”. Esperamos, ao final da apresentação, ter as condições necessárias para responder à questão que dá nome ao título, “Fora do texto há salvação?”, apresentando uma proposta de instância textual mais ampla e geral, que dê conta dos diferentes objetos semióticos mencionados. O presente trabalho é um recorte da tese de doutorado, em andamento (2016-2020), intitulada *A noção de texto na semiótica*.

Palavras-chave: semiótica; textualidade; texto; Greimas; Landowski.

A SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS NA CONSTRUÇÃO DO SIGNIFICADO DA SENTENÇA NA LÍNGUA INGLESA: DESCRIÇÃO E ENSINO

Lisiane Ribeiro Caminha Vilanova

Esta pesquisa investiga a semântica formal como aspecto facilitador do ensino-aprendizagem de adjetivos em inglês como segunda língua. Aborda os adjetivos no sintagma nominal e a construção de significado da sentença. Apresenta como questão norteadora: como explicar a organização dos adjetivos no mesmo sintagma nominal? A reflexão sobre a semântica dos adjetivos justifica-se diante da dificuldade de articular o significado da sentença, um desafio para o ensino e para a aprendizagem de inglês como segunda língua. Uma característica do inglês consiste no adjetivo anteceder o substantivo. As expressões linguísticas estabelecem relações semânticas entre si se estruturam na forma de sintagmas. Quando o sintagma possui mais de um adjetivo, a organização desses elementos é definida pela relação semântica estabelecida no sintagma. Constituem etapas da pesquisa: identificar as propriedades semânticas dos adjetivos; demonstrar a relevância linguística das relações estabelecidas pelos adjetivos; analisar o tratamento dado a esse assunto em gramáticas e livros e descrever as relações semânticas estabelecidas pelos adjetivos e suas implicações no significado sentencial. Fazem parte do referencial teórico os princípios da Semântica Formal mostrados por Franchi, Muller e Negrão (2006), Gomes e Mendes (2008) e Pires de Oliveira (2014), advindos de Frege, tais como a referencialidade, a composicionalidade e a logicidade. As relações semânticas asseguram as condições de verdade da sentença. O *corpus* para a análise inclui sentenças construídas por estudantes do curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês em avaliações e trabalhos acadêmicos. Assim, a reflexão linguística sobre os adjetivos nesta perspectiva permite compreender como os elementos linguísticos constroem o significado da sentença. Integrar a semântica formal no ensino de inglês facilita o ensino-aprendizagem da língua numa dimensão lógica, coerente e consciente.

Palavras-chave: adjetivos; significado; sentença; semântica; inglês.

O PORTUGUÊS “ITALIANADO” DA MOOCA

Luciana Massai do Carmo

Esta pesquisa de doutorado objetiva analisar a produção linguística de paulistanos residentes na Mooca, descendentes ou não de italianos, por meio das seguintes variáveis linguísticas: /e/ nasal em sílaba tônica medial, como monotongo ou ditongo (apartamento); coda /-r/ medial ou final, como tepe ou retroflexo (carta, colher) e concordância nominal de número (as casas vs. as casa). O foco principal deste trabalho está nas semelhanças e diferenças entre as produções linguísticas dos descendentes e não descendentes de italianos, com destaque para seus estilos de vida e práticas sociais. Tendo em vista a forte imigração italiana para a capital paulista a partir do final do século XIX (VIEIRA, 2010; TIMÓTEO, 2010; FACCHINETTI, 2004; GOMES, 2000; TRENTO, 1988), bem como o discurso local sobre ecos do italiano no português falado em São Paulo (OUSHIRO, 2015), interessa verificar se descendentes de italianos de fato apresentam padrões particulares na sua fala. Especificamente, o “moquês” (dialeto da Mooca) aparece em destaque no discurso popular sobre a influência do italiano no português paulistano. A questão central aqui é verificar se os padrões de variação na fala de grupos e indivíduos (cuja história de vida se passa nesse bairro de São Paulo) são mais bem explicados por sua ascendência e/ou por suas práticas locais comuns e se tais aspectos se correlacionam com os padrões de variação que serão examinados. Para responder a essa questão, está sendo construída uma amostra de dados a partir da estratificação sociodemográfica de falantes que vivem na Mooca (de acordo com sua ascendência, seu sexo, sua idade e sua escolaridade), além da observação por parte da autora de uma comunidade de práticas que se destaca no bairro (a Associação “Amo a Mooca”).

Palavras-chave: São Paulo; Mooca; influências do italiano; práticas sociais; concordância nominal.

OS DESAFIOS ATUAIS PARA UMA TEORIA SOBRE A CONTRAFACTUALIDADE

Luiz Fernando Ferreira

Sentenças contrafactuais (CFs) são geralmente marcadas por uma morfologia especial de tempo, aspecto e modo. Há várias propostas que tentam explicar qual a contribuição semântica dessa morfologia especial (veja IATRIDOU, 2000, IPPOLITO, 2002; 2003; 2013; ARREGUI, 2005; VON FINTEL & IATRIDOU, 2019; VON PRINCE, 2019). Neste trabalho, serão apresentados dados translinguísticos para analisar se essas propostas conseguem explicar o fenômeno em dados de diferentes línguas. O primeiro desafio está relacionado à orientação temporal de uma sentença CF. Por exemplo, CFs no inglês e no português podem se referir ao presente e ao futuro e CFs em Karitiana (Tupi) e em Daakaka (Oceanic) podem se referir ao presente, futuro e passado. Baseado nas ideias de Iatridou (2009), assume-se um princípio espelho, no qual a marcação de tempo das matrizes reflete nas CFs. O segundo desafio que será abordado é a contribuição semântica da marcação diferenciada de tempo, aspecto e modo em contrafactuais. Propostas nas quais tempo é responsável por expressar CF (IATRIDOU, 2000, 2009; VON PRINCE, 2019) não explicam o papel do elemento modal. Propostas nas quais o tempo é real e muda a perspectiva para o passado (IPPOLITO, 2002, 2003, 2013, VON PRINCE, 2019) falham com CFs não-históricas (i.e. contrafactuais nas quais o antecedente é verdade, não importa quão longe no passado se vá). Assumiremos que CFs sempre possuem um elemento modal que quantifica sobre mundos possíveis e que tempo é real. Contudo, o papel do tempo não é mudar a perspectiva, mas restringir a quantificação de mundos possíveis para mundos com o passado semelhante ao mundo atual (ARREGUI, 2005). Nessa proposta, o passado é necessário para veicular contrafactibilidade. O modal também é um elemento sempre necessário que quantifica sobre mundos possíveis. Até o momento, não temos uma explicação para o uso obrigatório do imperfectivo em línguas como o português.

Palavras-chave: contrafactibilidade; tempo; aspecto; modo.

A LINGUAGEM DO CORPO EM PERFORMANCE: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA

Maria Vitória Laurindo Siviero

A apresentação tem por objetivo discutir a linguagem do corpo nas artes performáticas segundo abordagem da semiótica greimasiana. Considerando que grande parte da comunicação humana não é de origem verbal, mas expressa por meio de gestos, nuances vocais, e expressões do rosto etc., na análise de manifestações artísticas que envolvam performance deve-se ter em conta a forma como o corpo do *performer* produz significado. É preciso observar, primeiramente, que o corpo em cena se manifesta com imensa variedade de estilos, técnicas e treinamentos que se estendem englobando desde a performance de danças clássicas à atuação do cinema naturalista, dentre outros. Sabe-se, também, que os princípios que regem performances como, por exemplo, a *commédia dell'arte* italiana não podem ser analisados segundo os mesmos critérios da atuação das séries de TV americanas. Há, portanto, uma grande diferença entre o corpo na dança, no teatro, no cinema ou na fotografia, mas nas artes contemporâneas em que o limiar destas categorias se dissolvem uns nos outros, não é possível associar a linguagem artística a uma linguagem corporal específica, como se houvesse um estilo de atuação próprio e predeterminado para cada um destes gêneros. A fim de dar início a uma reflexão sobre linguagem corporal performática, será proposta uma categorização das diferentes manifestações do corpo em cena por meio do sistema desenvolvido por Jean-Marie Floch, a fim de precisar mecanismos discursivos que caracterizam cada uma das múltiplas formas de expressão do corpo cênico.

Palavras-chave: semiótica; corpo; performance; artes cênicas.

O ÁLBUM DE CANÇÕES ENQUANTO OBJETO SEMIÓTICO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Matheus Henrique Mafra

Esta apresentação aponta as direções de uma pesquisa que pretende melhor compreender as propriedades textuais e discursivas do álbum cancional, entendido como um todo discursivo, manifestante de sentidos transcendentais, ainda que dependentes, das canções que o compõem. Após breve contextualização e delimitação do universo de pesquisa, será empreendida uma reflexão sobre os diferentes níveis de pertinência semiótica referentes ao objeto álbum, cuja descrição, em diversas ocasiões da literatura, costuma ressaltar – voluntariamente ou não, explicitamente ou não – seu caráter ambíguo entre o *texto* (um só todo de sentido) e o *suporte* (de “textos-faixa”). Tal reflexão, baseada nas ideias de Fontanille (2008) e Dondero & Reyes-Garcia (2016), visa sobretudo demarcar a postura metodológica deste trabalho, que preza pelo tratamento do álbum enquanto texto, tendo como ponto de partida algumas conclusões advindas da dissertação de mestrado do autor (MAFRA, 2019), a saber: 1) as implicações metodológicas da consideração da canção-faixa enquanto *componente* da *classe* álbum, de acordo com a terminologia proposta por Louis Hjelmslev (1975, p. 137); 2) uma descrição inicial dos fazeres enunciativos próprios do álbum a partir dos atos de *seleção* e *sequenciamento* de canções-faixa; e 3) a assunção das estratégias enunciativas do álbum como fruto de uma tensão entre, de um lado, o senso de *identidade* (ou unidade) *do álbum* e, de outro, a *alteridade* (ou autonomia discursiva) *das faixas*. São essas considerações, afinal, que possibilitam a formulação de uma das hipóteses centrais do projeto de pesquisa, segundo a qual o procedimento do sequenciamento de canções, ao instaurar um ritmo do disco, seria o fazer enunciativo mínimo que garante a identidade de todo e qualquer álbum cancional; noutros termos, garante seu estatuto de objeto semiótico.

Palavras-chave: álbum; canção; semiótica; pertinência; sequenciamento.

A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DE ATORES COLETIVOS: O MINISTÉRIO PÚBLICO E A OPERAÇÃO LAVA JATO

Mônica Barrêto Nóbrega de Lucena

Considerando a relevância da Operação Lava Jato no cenário político-jurídico, bem como os questionamentos sobre a atuação dela, nossa pesquisa se debruça sobre a construção semiótica de atores coletivos, contrapondo os sentidos estabilizados na Constituição Federal de identidade do Ministério Público e a identidade da Operação Lava Jato, construída a partir de seus enunciados. Assim, nossa pesquisa visa investigar o processo de significação e constituição da identidade do ator coletivo inerente à Operação Lava Jato, o que faremos em especial por meio do emprego das categorias tensivas de triagem e mistura (ZILBERBERG, 2004). Para tal, partimos de dois conjuntos de enunciados dessa operação: os enunciados que participam da declaração feita à mídia sobre a primeira denúncia contra o ex-presidente Lula e aqueles da denúncia formal contra ele. Como hipótese, pensamos que há indícios de incorporação das categorias tímico-fóricas pelas categorias tensivas de mistura e de triagem nos enunciados da Constituição Federal sobre o Ministério Público e nos enunciados da Operação Lava Jato. Dessa forma, entendemos haver uma euforização da mistura na atuação do Ministério Público, pela previsão constitucional, regida pelos princípios da unidade e indivisibilidade. Segundo estes princípios, o Ministério Público deve ser tomado como instituição una e indivisível, na qual a atuação de seus promotores deve corresponder ao agir coletivo institucional, sem personificação dos promotores em seus procedimentos, os quais, por essa razão, são substituíveis. Em contrapartida, a Operação Lava Jato, com nome próprio, atua centrada na diferença, que isola o “outro”. Nesse sentido, ela constrói semioticamente uma identidade pelo efeito de individuação, descolando-se em certa medida do órgão do qual faz parte, particularizando-se. Esse jogo entre generalidade e individualidade nos leva a acreditar num processo de *euforização de valores de triagem* em detrimento de *valores de mistura*, que são depreendidos, pelo texto constitucional, como democráticos e desejados.

Palavras-chave: semiótica; discurso jurídico; atores coletivos.

PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS “DA PONTE PRA CÁ”

Monique Amaral de Freitas

Este trabalho investiga a relação entre identidades sociais e padrões sociolinguísticos no Extremo da Zona Sul de São Paulo. Para tanto, investiga-se desde uma perspectiva mais macro, à nível da comunidade de fala (LABOV, 1966), até um ponto de vista mais local, à nível da comunidade de práticas (EKCERT, 2001) como padrões de variação correlacionam-se às práticas e características sociais do grupo estudado. No que tange ao nível mais macro, busca-se verificar se o Extremo da Zona Sul caracteriza-se como uma comunidade de fala distinta da paulistana, a despeito dos resultados encontrados por Oushiro (2015), que conclui que a cidade de São Paulo formaria uma mesma comunidade de fala. Para tanto, estuda-se as mesmas variáveis de Oushiro (2015), a saber, /e/ nasal, /r/ em coda, concordância nominal de número e concordância verbal de primeira e terceira pessoa do plural. A amostra foi coletada por meio de entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes da região e foi estratificada a partir das variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Do ponto de vista da comunidade de práticas, investiga-se, por meio de observação participante, o Sarau do Binho, um dos grupos de articulação cultural mais conhecidos da região. Nele, busca-se compreender a constituição de identidades locais por meio das práticas adotadas pela comunidade, dentre elas, as práticas linguísticas. Até o momento, no que diz respeito à primeira amostra, os dados parecem demonstrar uma possível relevância de fatores como faixa etária e as comunidades de práticas em que cada participante se engaja (ainda que este último não tenha sido uma variável controlada) na distribuição dos padrões de variação. Ao que se refere à segunda amostra, ainda em construção, parecem destacar-se elementos como as práticas em que cada membro se engaja em maior ou menor grau e a constituição de sujeitos enquanto ícones sociolinguísticos locais.

Palavras-chave: falar paulistano; "da ponte pra cá"; sociolinguística; trabalho de campo.

O EVENTO EXTRAORDINÁRIO EM *ASAS DO DESEJO* (1987), DE WIM WENDERS E *NINFOMANÍACA* (2013), DE LARS VON TRIER

Natália Cipolaro Guirado

Nesta análise, tratamos de duas cenas dos filmes *Asas do desejo* (1987), de Wim Wenders, e *Ninfomaníaca* (2013), de Lars von Trier, para desvendar um pouco do processo de construção da significação da estesia em narrativas cinematográficas com a observação de alguns aspectos da relação entre o cinema e a semiótica a fim de compreender a trajetória do sujeito na narrativa a partir da estesia: antes, diante dela e depois de seu fim. Temos o intento de explorar os elementos que compõem o processo de construção da significação de práticas que são por definição bastante diferentes entre si: as cotidianas, corriqueiras, comuns e repetidas nas narrativas, e as estéticas, mais raras, incomuns, que se apresentam como evento estésico. Abordamos o sincretismo de modo a ressaltar que se deve justamente focar os pontos profícuos que podem ser encontrados na linguagem sincrética a partir da junção e união destas linguagens (a linguagem verbal escrita, a musical e a visual, por exemplo) para a construção da significação e seus ricos desdobramentos sincréticos. O cerne de nossa tese é a investigação do evento estésico, qual seja; as abordagens semióticas da estesia, a alteração da foria, o sujeito extasiado e sua relação com o objeto de valor, a isotopia estésica, a nostalgia da perfeição, a ocorrência da estesia e seus desdobramentos semióticos em relação às mudanças na tensividade, no fluxo narrativo e também na discursividade por meio da análise da estesia em narrativas fílmicas.

Palavras-chave: semiótica, estesia, cinema, linguagem sincrética.

**A RECEPÇÃO DAS ARTES DE JOÃO RODRIGUES NAS GRAMÁTICAS
ESCRITAS POR ESTRANGEIROS NO SÉCULO XIX: HERANÇAS E INOVAÇÕES
NO TRATAMENTO DA POLIDEZ**

Olivia Yumi Nakaema

Nas *Arte da Lingoa de Iapam* (Nagasaki, 1604-08) e *Arte da Lingoa Iapoa* (Macau, 1620), João Rodrigues (1561-1634) apresenta uma sistematização detalhada da polidez no idioma japonês e usa os metatermos *honra* e *humildade*, considerando principalmente duas categorias morfológicas: *partículas de honra* e *verbos de honra*. Seu sistema inclui os dois tipos de honorificação indicados por Shibatani (1990: 375), honoríficos controlados pelo destinatário e honoríficos controlados pelo referente, e destaca a distinção entre os eixos locutor-destinatário e referente-locutor, e entre honoríficos de sujeito e de objeto (SHIBATANI 1990: 376). Rodrigues também aponta a diferença entre as relações verticais entre as pessoas, distinguindo os tipos de polidez entre *insiders* e *outsiders*. No século XIX, em algumas gramáticas da língua japonesa escritas por estrangeiros, há referência direta às *Artes* de Rodrigues, o que revela que, embora antigas, estas continuaram a exercer influência na produção de obras. Quanto ao tratamento da polidez, existem algumas semelhanças e inovações em relação ao padrão estabelecido nas *Artes* de Rodrigues. Portanto, este trabalho oferece uma análise historiográfica da descrição dos fenômenos de polidez nas gramáticas japonesas escritas por estrangeiros no século XIX. Assim, meu objetivo é analisar o tratamento dado à polidez nas gramáticas *Éléments de la grammaire japonaise par le P. Rodriguez* (Paris, 1825), de M. Landresse; *Proeve eener Japansche Spraakkunst* (Leiden, 1857), escrita por J. Curtius e editada por J.J. Hoffmann; *Essai de Grammaire Japonaise composé par M. J. H. Curtius (...)* (Paris, 1861), de Léon Pagés; *A Japanese Grammar* (traduzido do holandês, Leiden, 1868), de J.J. Hoffmann. Assim, pretendemos investigar, com base nos princípios propostos por Koerner (2014) e nas 'camadas' que compõem um conhecimento linguístico proposto por Swiggers (2004), a recepção da tradição de Rodrigues acerca do conceito de polidez e da terminologia usada para descrever esse fenômeno, enfocando suas heranças e inovações.

Palavras-chaves: polidez; recepção de João Rodrigues; honra; humildade.

ETHOS E ESTEREOTIPIA EM DISCURSOS DIGITAIS: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DA DISCURSIVIZAÇÃO DO IDOSO EM GRUPOS DO FACEBOOK

Raimundo Isídio de Sousa

As formas de enunciar, figurativizar e tematizar objetos semióticos na web provocam reflexões sobre as relações entre os sujeitos e as práticas languageiras e, nesse contexto, o discurso institui uma problemática à verdade e à referência, pois passam a ser apreendidas no âmbito da veridicção e num *continuum* de discursividades. Mediante tais parâmetros, pretendemos investigar como os discursos em *posts* do Facebook constroem a imagem do idoso, considerando o modo de dizer do enunciador e do ator da enunciação. Nessa condição, apreenderemos o simulacro do sujeito que pode estar crivado em oscilações de afeto de cifra tensivo-passional. O *corpus* da pesquisa consiste em postagens de 4 grupos da rede social Facebook, selecionados em agosto/2019, mediante dispositivo de busca dessa plataforma, utilizando o lexema “idoso”, e a coleta se estenderá até dezembro/2020. Para operacionalizar os princípios semióticos, propomos a seguinte questão: Qual é o *ethos* do idoso: seu corpo, voz, tom de voz e caráter enquanto o discurso emana dos grupos da web e enquanto o idoso se apropria do seu lugar na contemporaneidade da própria web? O aporte teórico-metodológico da semiótica discursiva construído em diálogo com Greimas (1974, 1975, 1976, 2014), Greimas e Courtés (2016), Barros (2002, 2003, 2007), Fiorin (2007, 2008, 2016, 2019), Bertrand (2003) e seus desdobramentos tensivos em Zilberberg (2006b, 2011, 2012), Fontanille (2015), Fontanille e Greimas (1993), Fontanille e Zilberberg (2001), Discini (2013, 2015, 2018), oferecerá meios para entendermos a semiose ou a função semiótica, que constrói para o discurso restrições e liberdades do dizer. Os principais conceitos que ancoram a pesquisa são: enunciação, ator da enunciação, tematização, figurativização, tensividade, práxis enunciativa, modos de presença, ethos e estereotipia. Esses conceitos serão utilizados em cruzamento com as noções discursivas de *ethos*, *logos* e *pathos* que, amparadas na retórica clássica, iluminam os engendramentos da significação na contemporaneidade digital.

Palavras-chave: semiótica; ethos; estereotipia; idoso; Facebook.

OS SONS EM *TRISTES TRÓPICOS*: TRADUÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO PARA UM ESCRITO ETNOGRÁFICO

Renato Albuquerque de Oliveira

Esta comunicação, tomando por *corpus* o livro *Tristes trópicos*, escrito pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (2016), refletirá sobre os modos de sensibilização, principalmente relativos aos estímulos sonoros, que uma etnografia pode desempenhar em uma de suas tarefas basilares – traduzir a experiência vivenciada pelo antropólogo em campo e seus desdobramentos em termos que possibilitem uma compreensão do Outro. Com isso, pretendemos abordar a tradução que se estabelece entre estímulos sonoros vivenciados por um enunciador-etnógrafo convertidos em um texto verbal lido por um enunciatário. A reflexão será construída considerando *Tristes trópicos* como autobiografia, pois nele encontramos convergência entre o enunciador, o narrador e o ator central do narrado. Isso permite pensar sobre características da enunciação em relação à memória, através dos conceitos *memória-acontecimento* e *memória do acontecido* (BARROS, 2011; 2016). De um ponto de vista mais amplo, o conceito de *presença* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 2001) será acionado para tratar sobre os dois problemas mais gerais desta pesquisa: a transformação de uma experiência de campo em escrito etnográfico e a relação do sujeito da enunciação nesse livro. Considerando a sinestesia como um princípio para a sensorialidade – antes da construção da significação, é assim que um sujeito experiencia o “real” –, a ela creditamos a característica de parâmetro que media os modos de ser afetado e de afetar do enunciador, seja considerando sua memória vivenciada, seja considerando seu enunciado (ZILBERBERG, 2005). Por fim, notamos que a construção de um simulacro da experiência de campo a partir da escrita etnográfica deve se basear em estratégias de persuasão do enunciatário, sendo o uso de elementos sensíveis no texto um meio de atingir essa finalidade. Com isso, pretendemos levantar questões pertinentes aos sons e que podem dar luz a uma escrita etnográfica mais refinada quando problemas relativos a esse estímulo sensorial são levados em consideração na prática antropológica.

Palavras-chave: semiótica discursiva; tensividade; sensorialidade; antropologia; escrita etnográfica.

MÉTODOS DE ALINHAMENTO SENTENCIAL PARA NLI

Rodrigo Souza

A Inferência em Linguagem Natural (NLI) consiste, basicamente, na tarefa de determinar se um texto breve em língua natural, chamado premissa, acarreta outro texto, também de língua natural, chamado hipótese. Normalmente, os *corpora* são compostos por pares divididos em uma premissa e uma hipótese e são anotados para a relação de acarretamento. Nesta pesquisa, procuramos testar métodos de alinhamento sentencial para avaliar a validade de problemas de NLI oferecidos pelos três primeiros conjuntos de dados do *Pascal RTE Challenge*, o RTE-1, o RTE-2 e o RTE-3. O objetivo foi verificar o quanto etapas de alinhamento nos possibilitariam classificar corretamente os pares dos três conjuntos de dados. Para tanto, implementamos quatro métodos de alinhamento baseados em análise de dependências, extração de triplas e conversão das sentenças dos pares para uma forma lógica. Por meio da análise de dependências, comparamos sujeitos e objetos de cada par. A extração de triplas nos permitiu estruturar as informações das sentenças em listas compostas por dois argumentos e uma relação estabelecida entre eles. A conversão para forma lógica, por sua vez, nos possibilitou comparar eventos e entidades. Os três conjuntos de dados possuem um total de 800 pares cada, sendo 400 classificados como “Verdadeiro” e 400 como “Falso”. No RTE-1, os métodos de alinhamento nos possibilitaram classificar 252 pares, sendo 153 verdadeiros e 99 falsos. No RTE-2, classificamos 155 pares, sendo 97 verdadeiros e 58 falsos. Por fim, no RTE-3, classificamos 161 pares, 96 verdadeiros e 65 falsos. Nas próximas etapas deste trabalho, procuraremos expandir computacionalmente, por meio de relações sintáticas e lexicais, o conhecimento representado nos pares para verificar como esse conhecimento está relacionado com os acarretamentos.

Palavras-chave: linguística computacional; inferência em linguagem natural; alinhamento sentencial; semântica formal.

TRANSITIVIDADE NAS LÍNGUAS BANTU: O COMEÇO É NO MEIO

Rodrigo Lazaresko Madrid

As línguas do grupo bantu (nigero-congolês) apresentam como padrão um sistema de alinhamento dos participantes do tipo nominativo-acusativo, em que os sujeitos de orações intransitivas (S) têm as mesmas marcas e comportamentos dos sujeitos das transitivas (A), diferenciando-se dos objetos de orações transitivas (O). No entanto, há algumas características na gramática dessas línguas que destoam desse padrão, como as predicções adjetivais e as inversões locativas. Além disso, as estratégias utilizadas para alterar o número de participantes codificados ao denotar um evento são bastante numerosas e extrapolam o uso da voz passiva e a alternância causativa. Minha proposta para examinar esses fatos é de que eles revelam uma tipologia de transitividade nas línguas bantu diferente dos arquétipos conceituais propostos por Langacker (1991, 2008), em que o ponto inicial da conceitualização de um evento pode se dar na origem da energia – num esquema de *bola de bilhar* – ou no recipiente da energia – num esquema de *autonomia/dependência*. A organização temática nas línguas bantu sugere que o ponto inicial da conceitualização não está nos participantes, mas na existência ou inexistência de uma ação propriamente dita. Nesta apresentação, exibirei a noção gradiente de transitividade proposta por Hopper & Thompson (1980) e dados de predicação adjetival nas línguas bantu. Ao privilegiar construções conectivas e verbais para codificar qualidades, as línguas bantu exemplificam uma transitividade média, cujo ponto de partida da conceitualização é o centro da cadeia de ação e não os seus limites. Nesse sentido, sugiro que esse grupo de línguas possui uma estrutura ativa (KLIMOV, 1974; SEKI, 1976, 2000), ou seja, uma gramática cuja oposição atividade-inatividade tem maior saliência conceitual quando comparada à oposição sujeito-objeto.

Palavras-chave: transitividade; línguas bantu; estrutura ativa.

**CONSERVAÇÃO E MUDANÇA NA DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DISCURSO DA
LÍNGUA JAPONESA POR PORTUGUESES, ESPANHÓIS E FRANCESES (1543-
1856)**

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka

Podemos determinar que a primeira gramática de autoria europeia que comenta a língua japonesa foi o *De institvione grammatica libri tres coniugationibus accessit interpretario Iapponica*, impresso no ano de 1594 na cidade de Amakusa. Essa obra é, na realidade, uma reimpressão do estudo sobre a língua latina de Manoel Alvarez (1526-1583) onde traduções e comentários sobre a língua japonesa foram adicionadas. Porém, foi só em 1604, com a *Arte da Lingoa Iapoa* do Pe. João Rodriguez Tçuzu (1558?-1634?), que tivemos o primeiro estudo gramatical em que a língua japonesa é o centro de estudo. A obra de Rodrigues se tornou de extrema importância já que, através desse estudo, muitos europeus puderam continuar a produção de estudos sobre a língua japonesa mesmo durante o período de isolamento nipônico (1633-1853). O presente trabalho tem como objetivo observar qual a metalinguagem adotada pelos europeus - começando pelos portugueses e espanhóis até os primeiros franceses - para descrever as partes do discurso da língua japonesa em sete gramáticas e quatro dicionários. Através dessa análise tentaremos identificar as mudanças de uma retórica de continuidade (conservação) para uma retórica revolucionária (mudança) como proposto por Murray (1980). Também utilizaremos a metodologia proposta por Swiggers (2010) de dividir as análises em quatro dimensões: teórica, técnica, documental e contextual/institucional. Observando todas essas dimensões (e não somente a documental e técnica) podemos ter uma visão mais ampla das influências e inovações.

Palavras-chave: historiografia linguística; linguística missionária; língua japonesa.

A METALINGUAGEM E AS TERMINOLOGIAS PARA DESCRIÇÃO SINTÁTICA NAS GRAMÁTICAS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII, XVIII E XIX: UM ESCRUTÍNIO HISTORIOGRÁFICO

Rogério Augusto Monteiro Cardoso

Esta pesquisa insere-se na área de Historiografia Linguística e tem como objetivo precípuo analisar e interpretar a metalinguagem e as terminologias sintáticas constantes nas gramáticas portuguesas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, bem como elaborar, para cada um dos autores estudados, um quadro sinóptico do seu léxico especializado, com o intuito de dar aos leitores consulentes uma ferramenta útil para dirimir suas dúvidas no âmbito terminológico e ler com mais segurança obras publicadas noutras épocas. Como as gramáticas portuguesas são herdeiras inequívocas da gramática grega (VIEIRA, 2018), conforme demonstra a hodierna divisão das classes gramaticais, o chamado horizonte de retrospecção da pesquisa – termo usado por Altman (2012) – tem de ir até os primórdios da área, no século II a.C., quando surgiu a pioneira Τέχνη Γραμματική (*Tékhnē Grammatikē*), de Dionísio Trácio. A despeito desse elo epistemológico, a hipótese aqui aventada é a de que o modelo sintático utilizado pela Sintaxe Tradicional, baseado no binômio sujeito-predicado, *não* é uma herança direta da gramática grega, mas uma criação posterior baseada em categorias transladadas da Lógica. Por meio do *modelo de camadas* (SWIGGERS, 2005), é possível apontar, em cada obra escrutinada, as continuidades e as descontinuidades no uso seletivo dos conceitos e dos termos técnicos em cada período da gramaticografia portuguesa. Ao cabo, demonstra-se que as categorias de caso greco-latinas – nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo – não só tinham a função de indicar as flexões nominais nas línguas clássicas, como também faziam as vezes do que se convencionou chamar hodiernamente de termos da oração. Tempos depois, quando o pensamento gramatical português passou a operar sobre suas próprias bases, tais categorias greco-latinas foram abandonadas em prol de um modelo sintático de base lógico-relacional.

Palavras-chave: historiografia; linguística; gramática; sintaxe; terminologia.

SUBFAMÍLIAS DE LÍNGUAS GERMÂNICAS NAS ABORDAGENS SCHLEICHERIANA E NEOGRAMÁTICA

Rogério Ferreira da Nóbrega

O agrupamento em (sub)famílias é em si um recurso metodológico importante para a determinação de relações genéticas entre línguas e também serve ao estabelecimento dos diferentes estágios históricos percorridos por línguas oriundas de um ancestral comum. No âmbito das investigações sobre o desenvolvimento histórico das línguas germânicas, inúmeros estudiosos, mais intensamente do início do século XIX em diante, ocuparam-se de (sub)agrupar sucessivos estágios, que compreendem desde um germânico comum relativamente uniforme até o período histórico (atestado) das línguas que dele descenderam. Seus proponentes eram majoritariamente alemães, mas também nacionais de outros países europeus, e, já no século XX, o problema passou a ser debatido também nos EUA. Os resultados por eles obtidos foram bastante diversificados. Suas razões estão além do que seria uma mera opção metodológica de agrupadores (*lumpers*) ou divisores (*splitters*). Tais propostas foram pautadas por diferentes critérios, ora linguísticos, ora extralinguísticos, ora combinatórios. Os autores que revisaram o histórico do estudo do problema o fizeram com a finalidade de se inserirem no debate. Em suas revisões, não captaram - e nem precisariam - movimentos, tendências ou continuidades e descontinuidades de tradições, restringindo suas análises aos pressupostos teóricos implicados e resultados obtidos, não necessariamente contemplando o contexto mais amplo em que o conhecimento em questão foi produzido. O objetivo desta comunicação é, a partir da comparação de obras de August Schleicher (1821-1868) e Wilhelm Streitberg (1864-1925), analisar um recorte temporal em que parece haver homogeneidade de propostas, diferentemente da diversidade observada em outros momentos. Partindo das perspectivas historiográficas interna e externa (SWIGGERS, 2010), i.e., das práticas e ideias linguísticas *per se* e de seu contexto de produção, procuramos demonstrar como as evidências reforçam o argumento de Koerner (1989), de que os neogramáticos não estabeleceram uma matriz disciplinar nova, senão representam uma extensão do paradigma schleicheriano.

Palavras-chave: historiografia linguística; classificação de línguas; línguas germânicas.

**AS TAREFAS LINGUÍSTICAS E A ESTATÍSTICA INFERENCIAL PRESENTES
NA PROPOSTA METODOLÓGICA DE UM ESTUDO SOBRE
GRAMATICALIDADE DE SENTENÇAS**

Rosana Aparecida Rogeri

Os estudos gerativos clássicos levam em consideração a gramaticalidade/agramaticalidade das cadeias linguísticas para determinar se são ou não sentenças em uma determinada língua. Essa dicotomia está no cerne da proposta metodológica gerativa (CHOMSKY, 1957). Embora existam pesquisas que analisam as diferentes estruturas neurais requeridas para processar sentenças gramaticais e agramaticais, a maioria das investigações gerativas se vale do julgamento dos falantes em relação a uma cadeia linguística como forma de acessar a competência linguística desse falante (ADGER, 2018). Chomsky (1957), ao lançar as bases da gramática gerativa como uma empresa que aproxima a cientificidade da linguística à das ciências biológicas, se contrapõe aos estudos markovianos que compreendiam “gramaticalidade” como alta probabilidade estatística. Assim, ainda hoje, existe um profícuo debate entre a melhor maneira do uso de ferramentas estatísticas para determinação de gramaticalidade/agramaticalidade de cadeias linguísticas (PEREIRA, 2000; ADGER, 2018; SPROUSE, 2018). Essa relação faz com que o uso de estatística moderna não seja uma prática tão corrente nos estudos gerativos sincrônicos, com tarefas de julgamento de gramaticalidade de sentenças. Estudos experimentais com tarefas de julgamento de gramaticalidade ainda são preteridos em relação à coleta informal de dados. Porém, a estatística pode ter um papel importante na realização de experimentos linguísticos para coleta de julgamento de gramaticalidade de maneira controlada, o que pode facilitar a falseabilidade da pesquisa. Este trabalho discute as questões envolvidas na construção da metodologia do projeto de doutorado *O contexto multilíngue de emergência do português brasileiro: uma análise a partir de construções com sujeitos circunstanciais*. As ferramentas estatísticas discutidas permitirão determinar o tamanho de amostra ideal para o estudo em termos populacionais e o desenho das tarefas linguísticas em relação às sentenças utilizadas nos experimentos. Assim, busca-se a população ideal em termos de amostragem e as tarefas ideais em termos de melhor resposta à pergunta de pesquisa.

Palavras-chave: testes de gramaticalidade; linguística experimental; estatística; sintaxe; sujeito circunstancial.

A INFLUÊNCIA DA PREPOSIÇÃO *DE* NO JULGAMENTO DE SENTENÇAS COM SUJEITO NULO NO PB

Rosiani Bueno de Oliveira Dias

Um ponto de convergência na literatura gerativa é que o Português Brasileiro não se caracteriza mais como uma língua tipicamente *pro-drop*. O que tem gerado divergência, entretanto, é como se dá o licenciamento deste Sujeito Nulo, pois, dentro dos diversos trabalhos minimalistas sobre o tema, temos Ferreira (2000, 2004), Rodrigues (2000, 2004) e Nunes (2008, 2009, 2019, 2020), com uma análise em termos de movimento; e temos Modesto (2000, 2008, 2011), com uma análise em termos de cadeia de tópico. Trataremos de uma divergência entre os proponentes de cada proposta, com consequências teóricas que podem decidir entre essas duas propostas básicas: a aceitação da hipótese de a preposição *de* influenciar (NUNES, 2009) ou não (MODESTO, 2011) o julgamento do sujeito nulo referencial não expletivo em sentenças subordinadas com verbos do tipo *convencer*, como: “O João convenceu a Maria de que devia sair” gerando a leitura de sujeito nulo controlado pelo sujeito ou pelo objeto (NUNES, 2009) ou apenas pelo sujeito (MODESTO, 2011). Propomos (a partir de BAKER 1996 e LARSON 1991) que haja duas estruturas argumentais ligadas ao verbo *convencer*, que geram as leituras diferentes apontadas por Nunes (2009); e que a presença da preposição *de* é, na verdade, um reflexo do movimento de CP (a partir de CORVER, 2000).

Palavras-chave: sujeito nulo; verbo “convencer”; preposição “de”.

MANIPULAÇÃO E PERSUAÇÃO NA ALEGORIA MORAL REINO DE BABILÔNIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SEMIÓTICA

Shenna Luissa Motta Rocha

O presente projeto de pesquisa se propõe a investigar, à luz da semiótica discursiva, de que modo a alegoria ou discurso moral *Reino de Babilônia* (1749), de autoria de Leonarda Gil da Gama, estrutura a manipulação com vistas ao ensinamento da doutrina católica, a partir da figurativização de vícios e virtudes. Como objetivo geral, pretendemos analisar a obra observando o gênero alegoria moral e sua forma de organizar a doutrina com vistas à manipulação em direção à adesão à doutrina católica. Com os objetivos específicos, tencionamos observar, no nível das estruturas fundamentais, as categorias semânticas que pontuam a salvação ou perdição/condenação do sujeito narrativo, segundo valores axiológicos, pautados pela doutrina católica difundida; No nível das estruturas narrativas, estudar o gênero alegoria moral e, sendo um texto verbal que apresenta elementos de visualidade, compreender de que modo ele define as sugestões das imagens que envolvem os conceitos de vício e virtude, bem como de que maneira essa estruturação colabora para a persuasão do sujeito pelo destinador no sentido da conversão doutrinária; No nível discursivo, compreender como se dá a manipulação ideológica cristã católica, examinando a oposição de base ‘salvação vs. perdição’, figurativizada por meio de écfrases, que sugerem as imagens mentais integrantes de sua composição, verificando o uso das figuras de retórica como mecanismo na construção da ilusão das imagens dos conceitos. Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, analítica, com abordagem qualitativa. Como principais autores a embasar o percurso teórico temos Greimas (1973, 1975, 1993, 2018), Barros (1988, 2001, 2011), Fiorin (2019).

Palavras-chave: manipulação; persuasão; alegoria; écfrase; figurativização.

UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO SOBRE O PROCESSAMENTO TÍPICO E ATÍPICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM ADULTOS SURDOS: INTERFACES ENTRE NEUROLINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA CLÍNICA

Sylvia Lia Grespan Neves

A pesquisa em desenvolvimento tem por objetivo analisar se há diferenças no processamento cerebral de acordo com as características de sinalização em língua brasileira de sinais (Libras) de três grupos: o primeiro, com aquisição de língua de sinais em período ideal; o segundo, com aquisição tardia da primeira língua (L1) e o terceiro, com sinalização atípica. O processo de aquisição de língua é a sequência de estágios pelos quais as crianças passam até atingirem o padrão adulto da língua em aquisição e deve ocorrer em um período ideal, referido como período crítico para aquisição de língua, nos primeiros anos da infância. Crianças surdas adquirindo uma língua seguem um padrão similar ao observado em crianças ouvintes adquirindo língua oral (LILLO-MARTIN, 2008). A proposta deste trabalho é investigar a compreensão da Libras em indivíduos surdos com aquisição em tempo adequado e aquisição tardia de Libras por meio da análise de suas atividades neuronais e de testes de linguagem. Pretende-se coletar dados de processamento de linguagem bem como de exames de potenciais evocados e analisá-los à luz de pesquisas da área da neurolinguística, levantadas na fase inicial do desenvolvimento do projeto. Os resultados poderão contribuir para uma melhor compreensão dos efeitos da aquisição tardia sobre o processamento de uma língua sinalizada e do funcionamento neuronal em língua de modalidade viso-espacial.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; potenciais evocados; linguística.

FICÇÃO E REALIDADE EM *RIVERÃO SUSSUARANA*, DE GLAUBER ROCHA

Tatiana Carlotti

Em 1978, Glauber Rocha, já premiado e reconhecido mundialmente, lançou seu primeiro e único romance, *Riverão Sussuarana*, expressando, na linguagem verbal, as inquietações filosóficas, políticas e estéticas de sua escritura cinematográfica. O resultado é uma composição fortemente experimental, estruturada a partir dos índices de transtextualidade (GENETTE, 1982) que permitem a identificação de outros textos dentro da narrativa. A filiação a James Joyce e a Guimarães Rosa é anunciada já no título: "Riverão" refere-se a "riverrun", primeira palavra do livro *Finnegans Wake*, de Joyce; e "Sussuarana", a *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, de onde Glauber transpõe o cenário, os conflitos, os personagens e até mesmo Rosa, autor da obra, que, juntamente com o repórter Glauber, segue na comitiva de jagunços, chefiada por Riverão Sussuarana. Enunciada de modo linear, *Riverão Sussuarana* entremeia por este percurso ficcional, às margens do rio São Francisco de Grande Sertão, discursos egressos da contemporaneidade da obra, desde os bastidores dos ambientes cultural e político, dos anos 1960 e 1970, às tragédias, como reflexões do autor sobre a morte de sua irmã, que ocorreu durante a composição da obra. Com base no modelo de representação da realidade proposto pelo semiótico Jean-Marie Floch, nós analisaremos como o efeito de realidade é constituído em *Riverão Sussuarana*, defendendo a hipótese de que o regime de representação da realidade no romance é predominante substancial, conceito que iremos detalhar com a apresentação de excertos da obra.

Palavras-chave: prosa experimental; Glauber Rocha; semiótica narrativa; literatura contemporânea.

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS PROPAGANDAS DAS CERVEJAS SKOL E ITAIPAVA VEICULADAS NA PANDEMIA, SOB O ASPECTO DA FIGURATIVIZAÇÃO E TEMATIZAÇÃO

Teresinha de Jesus Ferreira

A presente comunicação analisará comparativamente duas peças de campanha publicitária das marcas das cervejas Skol e Itaipava veiculadas em canais abertos de televisão, e também em outros canais de mídias sociais. Elas foram criadas, respectivamente, pelas agências GUT e um *pool* de profissionais em parceria com a Y&R. As peças publicitárias apresentam consumidores no período de pandemia. A propaganda da Skol aborda a diversão do ponto de vista do isolamento de amigos/familiares numa sacada, com muito churrasco, e a cerveja Skol como o objeto que faz a alegria desses amigos. Já na campanha da Itaipava, a voz da garota-propaganda da marca mostra lugares (mar, praia e seus quiosques coloridos, porém vazios) afirmando ser esse cenário o novo normal e lamentando que não deveria ser daquela forma; no entanto, finaliza o anúncio, após a imagem de brindes da cerveja, com uma frase de esperança para que todos continuem se cuidando, pois “verão” melhores dias. Objetivamos, assim, apresentar como esses anúncios cumprem a função de vender cerveja num momento de muita tensão social, econômica e, especialmente, de saúde pública. Por meio da figurativização e tematização, fazendo um levantamento do percurso gerativo do sentido, cotejaremos as tematizações nesses anúncios. Fundamentamos nossa análise com ferramentas da semiótica francesa, procurando, a partir das ideias de Greimas (1976), cujo trabalho é o de “explicitar, sob a forma de uma construção conceptual, as condições de apreensão e de produção do sentido”, e que institui a semiótica como uma teoria da significação, e de Luz (1997). O objeto da semiótica é o texto de qualquer natureza (verbal, verbo-visual, visual, olfativo etc). Sendo assim, queremos apreender o que essas campanhas publicitárias “dizem” para “vender” ao seu público, neste tempo e neste espaço, por meio da seleção dos seus mecanismos e dos seus procedimentos diversificados para a construção dos sentidos.

Palavras-chave: tematização; figurativização; propagandas de cerveja; pandemia.

LINGUÍSTICA EVOLUTIVA – BUSCANDO APROXIMAÇÕES ENTRE ABORDAGENS

Thiago Macek Gonçalves Zahn

Durante boa parte do século XX, houve distanciamento entre linguística e ciências biológicas – especialmente da Teoria Evolutiva. Mas, desde o final, observa-se uma reaproximação (CROFT, 2000, 2008; MUFWENE, 2003, 2008; STEELS, 2010, 2017; DEDIU *et al.*, 2013; GONG *et al.*, 2014, 2018; MARTINS & BOECKX, 2016; FITCH, 2017; BHATTACHARYA *et al.*, 2018; STEELS & SZATHMARY, 2018; NÖLLE *et al.*, 2020). Apesar da literatura interdisciplinar crescente, permanece em aberto uma série de questões sobre as relações entre linguística e evolução. Abordo algumas aqui, perseguindo os seguintes objetivos: 1) caracterizar diferentes abordagens em Linguística Evolutiva (LE); 2) buscar aproximações entre abordagens; e 3) analisar pressupostos e implicações de uma (possível) abordagem integrada para a LE. Revisão bibliográfica e análises bibliométricas, incluindo análises de citações, co-ocorrência de termos, etc. (GARFIELD, 2004; COBO *et al.*, 2011; ARIA & CUCCURULLO, 2017) revelaram abordagens diversas que se autoenquadram como LE, entre elas: LE=evolução *biológica* de características/estruturas necessárias à origem da língua, incluindo análises linguísticas, neurológicas e/ou comparativas com animais; LE=evolução *cultural*, explicando mudanças linguísticas e/ou dinâmica de diversificação das línguas; LE=evolução *biológica/cultural* e suas interações, explicando origem da língua, mudança e diversificação linguística. Buscando aproximações entre abordagens a partir dos diferentes textos da Filosofia da Linguística (SCHOLZ *et al.*, 2015; FRANK & GONTIER, 2010; GONTIER, 2017 etc.) e da Filosofia da Evolução (HULL, LEWONTIN, GODFREY-SMITH, MAYNARD-SMITH, SZATHMARY, GRIESEMER, GONTIER, REYDON, SCHOLZ), sugiro que uma confluência seja possível assumindo uma *ontologia evolutiva generalizada* que permita abarcar processos biológicos, culturais e interações em um panorama integrado (DAWKINS, 1976; HULL, 1980, 1988; PRICE, 1995; GRIESEMER, 2000; OYAMA *et al.*, 2001; ALDRITCH *et al.*, 2008; BARAGHITH, 2020). A partir disso, é possível ver além das diferenças relacionadas ao próprio conceito de “evolução” e reconhecer outras convergências e divergências teóricas mais claramente.

Palavras chave: Linguística evolutiva; evolução; mudança linguística; diversificação linguística; epistemologia.

**INTELIGÊNCIA SEMIÓTICA E TRIPADVISOR:
DEEP LEARNING E QUANTIFICAÇÕES SUBJETIVAS NOS DISCURSOS DE
SANÇÃO DE RESTAURANTE**

Tulio Ferreira Leite da Silva

Nosso trabalho pretende apresentar os primeiros resultados da utilização da teoria semiótica para a construção de modelos de análise e classificação automática (*Deep Learning*) de grandes quantidades de texto verbal. Seguindo as orientações, a teoria fundada por Algirdas J. Greimas, construímos o modelo pressuposto da estrutura actancial da avaliação de restaurantes na plataforma TripAdvisor. Partimos, assim, da hipótese de que os discursos por lá manifestados são em sua absoluta maioria representantes do tipo /Sanção Positiva/. Após tal construção, onde caracterizamos o /Programa Narrativo/ do /Ator da Enunciação/ “usuário do TripAdvisor”, seguimos as orientações de Luiz Tatit, principalmente no artigo *Quantificações Subjetivas: Crônicas e Críticas* (2011), para classificar manualmente 15 mil textos. Como base, utilizamos os seis segmentos das direções tensivas, estabelecidos por Claude Zilberberg (2006): restabelecimento, recrudescimento, saturação, atenuação, minimização e extinção. Após a teorização e a classificação manual, utilizamos o Google Colaboratory (que fornece robusto sistema de processamento de dados na nuvem), a linguagem Python de programação e as bibliotecas PyTorch e Fast.Ai, para produzir nossa primeira Inteligência Artificial. Por meio de modelos de redes neurais (*Deep Learning*), criamos um algoritmo (batizado de Inteligência Semiótica) capaz de reconhecer as quantificações subjetivas realizadas pelos usuários do TripAdvisor. Nosso *corpus* é composto por 45 mil avaliações, escritas entre 2016 e 2020, que foram obtidas por meio de um *script* de raspagem de dado (*scraper*) e coletadas entre os dias 11 e 14 de fevereiro de 2020. Neste primeiro momento da pesquisa, focamos nossos esforços em analisar os discursos referentes aos 31 restaurantes paulistanos melhor ranqueados na plataforma TripAdvisor.

Palavras-chave: semiótica; Inteligência Artificial; *Deep Learning*; Processamento de Linguagem Natural; linguística computacional.

A TAREFA DE SINCRONIZAÇÃO DA FALA E A QUEBRA DE EXPECTATIVA SEMÂNTICA: FENÔMENOS EM INTERAÇÃO

Verônica Penteado Siqueira

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um experimento de fala sincronizada em interação com o nível semântico da linguagem, interpretando-os à luz do paradigma dinâmico da cognição (ver, por exemplo, KELSO, 1995; LARSEN-FREEMAN, CAMERON, 2008; PORT, VAN GELDER, 1995). Esta pesquisa propõe a seguinte problemática a respeito da sincronização da fala: em que medida a produção da fala, observada a partir da tarefa de sincronização da fala, pode sofrer interferência do nível semântico, como a quebra de expectativa semântica? Considera-se a fala sincronizada um tipo de fala produzida em condições experimentais, em que dois sujeitos leem o mesmo texto ao mesmo tempo (CUMMINS, 2018). O termo “quebra de expectativa semântica”, que empregamos aqui, refere-se a um fenômeno em que os falantes criam uma expectativa a respeito do que virá, com base no contexto criado e no significado das palavras empregadas anteriormente (KUTAS, HILLYARD, 1980; FRANÇA, 2002). O experimento realizado envolve a leitura sincronizada de textos em duas condições: original (TO), em que não há quebra de expectativa semântica, e alterada (TA), em que há quebra de expectativa semântica. Foram observados os seguintes comportamentos entre os dados: distribuições assimétricas e concentração de dados entre os valores menores de assincronia, maior dispersão entre os dados da condição alterada (TA) e grande ocorrência de *outliers*, em especial na condição alterada (TA). Além disso, uma análise dos *outliers* e da duração da assincronia em janelas temporais específicas ao longo da leitura indicou que os falantes oscilam entre momentos de maior e menor sincronia, e que tal oscilação pode ser mais irregular ou variável na condição alterada (TA). Portanto, os resultados sugerem que a quebra de expectativa semântica, embora não afete a média da duração da assincronia entre os falantes, influencia a variação do *lag* temporal e a estabilidade da sincronização.

Palavras-chave: fala sincronizada; expectativa semântica; interação; sistemas dinâmicos.

O SENTIDO ENTRE A PSICANÁLISE E A SEMIÓTICA

Vinicius Silva Lopes

Este trabalho é consequência de dois longos anos em que se estabeleceu um projeto de pesquisa dedicado ao estudo da relação entre a psicanálise francesa, baseada no ensino de Jacques Lacan, em especial em *O Seminário 5: As formações inconscientes* (1957-1958), e a semiótica francesa, de Greimas, principalmente em *Sobre o Sentido II* (1983). Em fase de considerações finais acerca do material bibliográfico trabalhado, esta apresentação visa a retomar a noção saussuriana de signo linguístico em suas duas faces, significado e significante, como proposta no *Curso de Linguística Geral*, para discutir os caminhos teóricos indicados pela semiótica e pela psicanálise. Enquanto a teoria semiótica propõe um ferramenta capaz de, a partir do percurso gerativo do sentido, explicar e evidenciar os sentidos presentes nos textos, a psicanálise propõe uma escuta do sentido apontando para a suspensão do mesmo. A chamada “inversão” do significante e do significado na psicanálise lacaniana nos faz pensar que o caminho estabelecido de escuta do significante é um caminho oposto daquele realizado pela semiótica em seu entendimento e análise sobre significado e também sobre o significante (como em desenvolvimentos da semiótica pós-Greimas). Por fim, discutiremos a compreensão do sentido dentro de cada uma das teorias que, apesar de ter em Ferdinand de Saussure uma base epistemológica comum, seguem caminhos distintos no fazer e desfazer sentido, colocando em questão possíveis aproximações entre as duas práticas.

Palavras-chave: psicanálise; semiótica; sentido; Lacan; Greimas.

A SINTAXE DA LÍNGUA GERAL DE MINA E A PROBLEMATIZAÇÃO DAS ABORDAGENS CRIOLÍSTICAS

Wellington Santos da Silva

Este trabalho descreve a sintaxe da “língua geral de mina” (LGM), variedade africana falada em Minas Gerais, no século XVIII, e documentada por Costa Peixoto (1741). Nosso objetivo consiste em problematizar algumas abordagens anteriores que, devido à ausência de um exame detalhado da estrutura da língua, incorreram em generalizações errôneas sobre a sua tipologia. Yai (1997) e Bonvini (2008), por exemplo, classificaram a LGM como crioulo e pidgin, respectivamente, analisando-a como uma variedade linguística reestruturada, uma língua mista ou simplificada. Entretanto, argumentamos que a LGM apresenta traços característicos das línguas Gbe modernas, como estruturas de serialização verbal (ABOH, 2009) e verbos de complementação inerente (ABOH, 2015a), conforme ilustram os dados em (1) e (2):

(1) Língua Geral de Mina

má	hi	chó	num	dũ
1SG.MOOD	ir	comprar	coisa	comer
Deixe-me	ir	comprar	coisa	comer

“Vou comprar alguma coisa para comer”

(2) Língua Geral de Mina

nhi	ma	du	achó	me	ré	hã
1SG	NEG	V _{COMER}	dívida	pessoa	nenhum	NEG
Eu	não	comer	dívida	pessoa	nenhum	não

“Eu não devo nada a ninguém”

Diante destas e de outras evidências sintáticas, argumentamos que a classificação da LGM como uma língua reestruturada é equivocada. Em nossa perspectiva, análises dessa natureza parecem ter sido influenciadas por uma concepção generalizante do termo ‘língua geral’, como vemos em Argolo (2016), para quem o termo ‘língua geral’ sempre foi utilizado para designar situações sociolinguísticas multilíngues de pidginização e criouliização. Entretanto, com base no estudo dos movimentos populacionais dos africanos Mina nos períodos pré e pós-colonização, mostraremos que a LGM foi falada majoritariamente por indivíduos com notável homogeneidade cultural e linguística (ABOH, 2015b), problematizando, mais uma vez, as abordagens criolísticas e excepcionalistas.

Palavras-chave: línguas Gbe; sintaxe; contato linguístico.

A DICÇÃO DO CACIONISTA: PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DO ESTILO NA CANÇÃO

Zeno Queiroz

“Compor uma canção”, escreve Luiz Tatit (2002, p. 11) nas primeiras páginas de *O cacionista*, “é procurar uma dicção convincente”. Nesses termos, produzir um texto cacional significa compreender, ainda que de forma intuitiva, o modo como a fala e o canto estão mutuamente implicados na estabilização musical das inflexões entoativas que dão à canção seu desenho melódico, a fim de que se possa, assim, num exercício de verdadeiro malabarismo, “equilibrar a melodia no texto e o texto na melodia” (2002, p. 9). A busca de uma “dicção convincente” indica, portanto, para o cacionista, a procura, primeiro, da própria gramática, que organiza a linguagem da canção e, segundo, a descoberta, dentro desse sistema, de um discurso de feição característica ou, em uma palavra, de um *estilo*. Entretanto, apesar de ser essa uma reflexão recorrente na produção bibliográfica de Tatit, ela não encontra, a nosso ver, uma sistematização rigorosa em nenhum de seus trabalhos. Esta pesquisa objetiva então precisar o valor metodológico do conceito de “dicção” na metalinguagem descritiva da semiótica da canção, com o intuito, assim, de delimitar alguns apontamentos teóricos que possibilitem uma abordagem do estilo no texto cacional. Almeja-se, pois, introduzir primeiros elementos para um estudo a partir daquilo que configura o eixo nuclear da canção, qual seja seus elos de melodia e letra, do modo pelo qual se pode compor o cacionista, isto é, de que maneira, por meio da análise dos textos e de suas relações intertextuais, é possível (re)constituir sua identidade.

Palavras-chave: semiótica da canção; cacionista; dicção; estilo; identidade.